TRIGUEIRINHO

HORA DE CRESCER INTERIORMENTE

O mito de Hércules hoje

JARDIM EDITORA

Edição revisada

HORA DE CRESCER INTERIORMENTE

O mito de Hércules hoje

TRIGUEIRINHO

HORA DE CRESCER INTERIORMENTE

O mito de Hércules hoje

IRDIN

Copyright © 1988 José Trigueirinho Netto

Texto de acordo com as novas regras ortográficas
da língua portuguesa.

Os recursos gerados pelos direitos autorais de todos os livros de Trigueirinho são revertidos na manutenção da Fraternidade - Federação Humanitária Internacional e suas afiliadas.

Capa, revisão e diagramação:
Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trigueirinho Netto, José

Hora de crescer interiormente : o mito de Hércules hoje / Trigueirinho. – Carmo da Cachoeira : Irdin, 2019.

160p.

ISBN 978-85-5441-040-7

1. Ciências ocultas 2. Hércules (Mitologia greco-romana) I. Título.

CDD: 133

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA
Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira – MG, Brasil | CEP 37225-000
Tel.: (55 35) 3225-2252 | (55 35) 3225-2616

www.irdin.org.br

Esta edição foi impressa em dezembro de 2019,
na *Artes Gráficas Formato Ltda.*,
em sistema offset, papel offset 90 g.
IMPRESSO NO BRASIL

SUMÁRIO

Ao leitor 7
O herói e sua alma 9
Os portais dos Trabalhos 19
As éguas devoradoras de homens 25
O touro da ilha sagrada 35
Colhendo as maçãs de ouro 49
A captura da corça 61
A morte do leão de Nemeia 71
Apoderando-se do cinto da união 81
A captura do javali 99
Erguendo a hidra de Lerna 109
Os pássaros devastadores 117
Cérbero morre 127
Limpando estábulos 137
Conduzindo o gado vermelho 145
Quadro sinótico dos Trabalhos 154
Índice analítico 155

AO LEITOR

Hércules, como mito, é patrimônio universal. As histórias de seus Trabalhos foram contadas de maneiras diversas, em todos os tempos, sob vários ângulos, e foi justamente a partir dessa tradição que surgiu este livro. Multifacetados que são, esses Trabalhos vêm-nos estimulando, num verdadeiro desafio, a fazer mudanças profundas em nós mesmos. Paul Brunton[1] indica-os como fonte de inspiração para os que buscam colaborar conscientemente com a evolução, e Djwhal Khul[2] apresenta-os sob uma perspectiva astrológica e esotérica.

Qualquer que seja a versão sobre Hércules, a nossa atitude perante ela é sempre de respeito e amor. Embora procurando manter o clima espiritual característico do mito, este livro busca oferecer uma nova sugestão de alinhamento entre

[1] Filósofo inglês do século passado, legou à humanidade importantes obras de cunho espiritual, várias delas publicadas pela Editora Pensamento.

[2] Também conhecido como Mestre Tibetano, é um dos seres que estimula o desenvolvimento da humanidade, atuando principalmente a partir dos níveis internos. Parte de suas instruções foi apresentada nos livros de Alice A. Bailey, publicados por Lucis Trust, Genebra-Londres-New York.

o nosso eu consciente e o nosso núcleo anímico[3]. No decorrer do texto, são feitas considerações tais que permitem uma interpretação completamente livre no que concerne ao mundo intuitivo que há em cada um de nós.

Sem se ater somente aos aspectos culturais que a mitologia pode carrear, esta obra foi escrita para ajudar-nos a viver em sintonia com um espírito de união e de universalidade cada vez maior, espírito este que favorece a integração de todas as partes no nosso ser[4]. Por isso, as aventuras de Hércules passam-se em diferentes planos de realidade, os quais, com a mente livre de preconceitos, somos convidados a percorrer.

Trigueirinho

[3] Uma das denominações dadas à alma, núcleo de consciência dos homens encontrado em níveis abstratos, superiores aos perceptíveis pelos sentidos normais.

[4] Estamos considerando conhecido o fato de, como entes imortais, sermos constituídos de vários níveis e núcleos de consciência, cada um deles tendo energia e qualidades específicas. A personalidade humana é formada de três desses núcleos, que se expressam por meio dos corpos físico-etérico, emocional e mental. Existem, entretanto, núcleos mais sutis, dos quais provém aquilo que vivifica o ser.

O HERÓI E SUA ALMA

Muito já se escreveu sobre a alma, núcleo de consciência do homem que lhe revela a vontade espiritual, o amor-sabedoria e a inteligência ativa[1], num grau de amplitude muito além dos projetos da vida normal das pessoas.

Sabe-se que esse núcleo se expressa seguidas vezes na superfície da Terra encarnando, embora também possa – dentro de certas conjunturas – desenvolver-se nos períodos em que não está encarnado. Por encarnação entende-se, neste livro, a entrada progressiva da alma em um corpo mental, em um corpo emocional e, finalmente, em um corpo etérico-físico, também denominados corpos materiais do ser, e sua manutenção dentro deles por um período mais ou menos longo, dependendo do caso. Entretanto, sabe-se que sua "morada" ou seu próprio nível de consciência e realidade encontra-se em esferas superiores, no plano causal, plano que está além daqueles onde se dão as atividades física, emocional e mental analítica que muito bem conhecemos.

Objetivos da alma que vem à Terra

A alma vem à Terra para desenvolver trabalhos com propósitos grupais ligados à obra de energias cósmicas que ela própria, como alma, nos primórdios de sua evolução, des-

[1] Essas três energias – a vontade espiritual, o amor-sabedoria e a inteligência ativa – são aspectos divinos que a alma possui e estimula no homem. Têm origem em núcleos ainda mais profundos do que a alma, e deles irradia-se o poder de iluminar a consciência humana.

conhece. Aos poucos, toma consciência desses altos propósitos e, consequentemente, vai aperfeiçoando sua expressão. Numa etapa mais adiantada desse processo, já aspira a atingir níveis ainda mais sutis de consciência e, eventualmente, aperfeiçoa a qualidade tanto do trabalho que faz enquanto vive sobre a Terra quanto daquele que desenvolve nos períodos em que não se encontra encarnada.

Ao penetrar na esfera de existência material, a alma perde, por certo período, a memória de sua origem cósmica. Se encarnada na qualidade de indivíduo de evolução média, gasta um considerável tempo para se reencontrar, ou melhor, para retomar conscientemente o fio que a liga à realidade dos mundos sutis. Depois, leva mais tempo ainda para atrair a consciência físico-emocional-mental para a realidade desses mundos. Finalmente, após muitas encarnações, consegue absorver em seu próprio corpo a essência vibratória desses níveis, sintetizando, assim, toda a sua experiência anterior. É claro que estamos falando das condições das almas que se encontram na órbita deste planeta, e não de outros esquemas planetários.

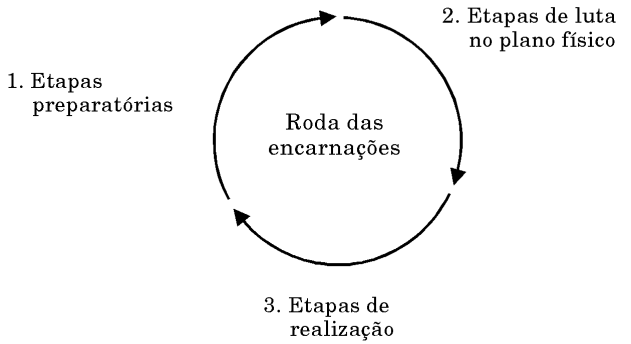
A alma também tem um envoltório, um corpo, composto de material sutilíssimo, denominado corpo causal, ou das causas, já que é a partir de seus impulsos, que o processo encarnatório é possível. Este livro não tratará do processo da alma a caminho da encarnação, mas sim das provas pelas quais ela passa, já em contato com os níveis materiais terrestres.

Etapas da experiência da alma

A história de Hércules narra justamente ciclos básicos da experiência da alma: primeiro, sua evolução na matéria, nas encarnações em que se identifica com realidades dos níveis mais densos da consciência; segundo, a sua fase de

luta no plano físico, em que, a certa altura de sua evolução, começa a destacar-se da consciência de massa — e isso nem sempre é conseguido sem fortes conflitos, conforme sabemos; terceiro, as etapas de realização, por meio de um desenvolvimento assumido cada vez mais conscientemente no decorrer das vidas.

Observe-se ainda que, nessa trajetória, a alma repete experiências que ficaram incompletas no passado, de acordo com a sequência configurada abaixo:



É bom lembrar que uma mesma etapa pode exigir várias encarnações para desenvolver-se. Pode acontecer também de a alma prosseguir o percurso de suas experiências, refazendo certas fases; neste caso, porém, passa a vivê-las em níveis de complexidade cada vez maior.

Astrologicamente, diz-se que tais etapas correspondem aos signos do zodíaco: as preparatórias são vividas principalmente sob os signos de Áries, Touro, Gêmeos e Câncer; as de luta no plano físico, sob os signos de Leão, Virgem, Balança e Escorpião; e as de realização, sob Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Não abordaremos, porém, esse

assunto do ponto de vista astrológico; os signos são citados aqui apenas como referência e para fornecer bases para a nossa compreensão.

Na realidade, as almas podem contar com a cooperação da energia dos signos astrológicos, ou constelações, estando encarnadas ou não. Na época atual, aquelas que estão num nível mais avançado de evolução começam a utilizar conscientemente a energia de determinados signos, bem como certas circunstâncias facilitadas por eles, a fim de prestar maior serviço ao mundo, aos homens e até mesmo ao sistema solar, dependendo do grau de consciência que tenham atingido.

Nesse processo, a alma pode encarnar repetidas vezes sob o mesmo signo, aperfeiçoando, assim, etapas ainda não completadas ou, como vimos, repetindo provas, tentando superar as próprias limitações. As almas muito evoluídas, todavia, libertam-se da influência dos signos astrológicos hoje conhecidos.

Estamos, pois, abordando esse assunto especificamente do ponto de vista da alma e não em termos da consciência da personalidade, com suas percepções mais ou menos aguçadas. Nesse sentido, diríamos que no passado se estudava o processo do homem fazendo-se, em astrologia, o horóscopo de sua personalidade. Hoje, estudamos não mais as potencialidades e os condicionamentos pessoais sob a influência dos signos, mas sim o relacionamento inteligente da alma com as várias energias que interagem nesse processo, como, por exemplo, a do grupo que ela integra (isto é, a do grupo de almas que pertencem ao mesmo Raio[2] que ela) e a do

[2] Energia que qualifica o padrão vibratório de tudo o que existe manifestado. Para informações sobre os Raios que atuam mais diretamente na consciência externa do homem, vide AS ENERGIAS DOS RAIOS EM NOSSA VIDA, do mesmo autor, Editora Pensamento.

seu Instrutor interno, Ser que canaliza energias ainda mais elevadas para esse grupo.

Horóscopo da alma

Tratando-se de alguém que manifeste uma ação inteligente e que seja receptivo a uma vontade mais elevada do que a sua própria (que tenha, em outras palavras, consciência de que existe um Plano Evolutivo[3] e de que tem nele uma colaboração a prestar), um "horóscopo da alma" poderia ser feito. Isso, porém, é raro hoje, dado que os astrólogos mais preparados para esse trabalho começarão a aparecer, como é previsto, apenas no século futuro. Por preparo nesse campo não se entende a obtenção de condições técnicas, que muitos astrólogos atuais têm, nem mero conhecimento intelectual, mas intuição desenvolvida em grau suficiente para isso.

Só intuitivamente se pode conseguir um horóscopo desse gênero, ou seja, quando se é guiado a partir de níveis que transcendem a mente analítica. As conjunturas assim percebidas baseiam-se também nas experiências da alma sobre a Terra ou em outros esquemas planetários, nos quais, eventualmente, ela teve a oportunidade de estagiar. Portanto, conhecimentos básicos e teóricos de astrologia, do ponto de vista do "nosso" zodíaco, não são suficientes para essa pesquisa, podendo até, em muitos casos, confundi-la. A mente analítica, mesmo que científica, não tem meios para compartilhar com segurança dos fatos dos mundos sutis, embora possa ter conhecimentos teóricos acerca do que se passa neles. A vivência dessa realidade supramental só é possível

[3] Conjunto de diretrizes segundo as quais a evolução deve transcorrer para que atinja o seu propósito. A parcela que cabe a cada ser humano cumprir nesse plano é conhecida por Aqueles que o instruem internamente.

por meio dos sentidos internos, que o homem está começando a desenvolver, e pela autodisciplina espontânea, não condicionada por regras, por estruturas arcaicas, por imposições de terceiros ou por rigidez autocriada.

O que Hércules simboliza

Nas histórias que serão narradas neste livro, o protagonista, Hércules, simboliza ora o nosso aspecto individual, ora a humanidade como um todo. Reconhecer quando se trata de um caso ou de outro é uma tarefa que nos cabe.

Hércules é um conhecido personagem da mitologia, mas aqui ele é também cada um de nós. Todos somos Hércules, trabalhando sobre a Terra e caminhando mais lenta ou mais rapidamente, conforme o caso. Ele percorre os caminhos que todos percorremos através das encarnações, e as provas que vivencia, nós as podemos encontrar também em nossa vida cotidiana, sob diferentes vestes.

Identificamos nossas quedas, retomadas e experiências positivas nos Trabalhos de Hércules. Reconhecemo-nos nessas etapas de involução, de luta e de realização, e nos apercebemos de que as aventuras vividas por esse herói legendário correspondem a fases do nosso processo evolutivo. Ninguém pode escapar disso.

Também as almas desencarnadas passam por etapas semelhantes, embora em condições bem diferentes das que se observam na vida material. Outras, encarnadas, passam ainda pela experiência de terem uma tarefa a cumprir nos planos de existência mais sutis, ao mesmo tempo que sua personalidade deve desenvolver encargos nos mundos externos, muitas vezes devido a ligações cármicas. Sei, por experiência própria, que alguns desses encargos são puramente

compulsórios, engendrados por obra do ego humano em encarnações anteriores ou na atual; outros são reflexos do verdadeiro trabalho que a alma visualiza. Muitos de nós vivemos simultaneamente uma vida humana e outra bem diferente, em níveis internos, até que esses caminhos sejam absorvidos numa única síntese[4]. Por enquanto, não é a maioria que manifesta a vida da alma na encarnação terrestre-física, mas isso se realizará à medida que a Era de Aquário (que é energia de síntese) se for instalando neste mundo.

Neste estudo, que estamos começando juntos, seremos convidados a fazer muitas reflexões e a alcançar novas compreensões. Para nós, refletir sobre uma questão que nos é obscura significa visualizá-la do maior número de ângulos possível sem, no entanto, tirar conclusões apressadas a seu respeito. Após considerar diversos aspectos do problema, retira-se da mente a questão e entrega-se todo o material visualizado aos níveis mais profundos da própria consciência. A partir daí emerge, sem que criemos expectativas de espécie alguma, a compreensão que antes não tínhamos.

Ilustremos isso. Há na história do Hércules mitológico uma passagem em que o herói, ao ser preparado para suas aventuras, dialoga com seu Instrutor (como todos nós, ele também tem um Instrutor interno). Hércules, ainda sem compreender certas coisas, pergunta-lhe o que é a alma. O Instrutor, que tem mais experiência e que está dentro de Hércules, responde que ele descobrirá sua própria alma à medida que cumprir suas tarefas. Explica-lhe, porém, que para isso deve usar as energias e potenciais de que dispõe, e não outros recursos. Quantas reflexões poderíamos fazer a partir dessa afirmação, não é verdade?

---

[4] Sobre os caminhos para se atingir essa síntese, vide NOSSA VIDA NOS SONHOS, entre outros livros do mesmo autor, Editora Pensamento.

Em outro ponto da vida de Hércules, o Instrutor pergunta-lhe quem são seus pais. Com isso, ele o está testando, dado que sabe quais são suas origens. Hércules, passando na prova, responde que seu pai é divino, embora não o conheça. Entretanto, sabe muito bem que é seu filho. Quanto à sua mãe, ele acredita que tenha origem terrestre, e conhece-a em profundidade.

Somos, então, divinos e, ao mesmo tempo, terrestres? Que herança nossa é essa, desconhecida ainda, divina, como diz Hércules, e qual é essa outra, terrestre, muito conhecida? Para desvendar tudo isso, façamos a viagem empreendida por Hércules, seguindo o caminho que trilhou e passando pelas provas que lhe foram dadas enfrentar.

OS PORTAIS DO TRABALHOS

De quando em quando, deparamo-nos com um grande portal, isto é, ficamos diante de um novo ciclo de nossa vida, na superfície da Terra ou em outros níveis de existência. É inútil, entretanto, forçar a entrada nesses portais: cabe-nos atravessá-los, se quisermos, quando estão abertos diante de nós, o que só acontece quando realmente estamos prontos para a nova etapa. Aplica-se aqui o mesmo princípio que se observa nas leis imutáveis, segundo o qual "quando o discípulo está pronto, o Instrutor aparece".

Por conseguinte, os portais mencionados neste livro simbolizam sempre a possibilidade de ingresso em novas fases de vida, em novos campos de experiência. Nas histórias aqui mencionadas, encontraremos também Mestres, Instrutores e outros símbolos igualmente vitais para nossa evolução e para a da humanidade como um todo. Coloquemo-nos diante de tudo isso com simplicidade, para não confundirmos as etapas percorridas por Hércules em nível de personalidade com as outras, que dizem respeito ao Hércules consciente, com sua alma já liberta das influências da vida material.

Dizemos, genericamente, que há três tipos de indivíduos e que, por intermédio deles, podemos distinguir também três estágios evolutivos das almas. O primeiro tipo é o dos que ainda não despertaram para a existência da alma, ou eu superior; o segundo é o dos que estão abertos para essa realidade e se comportam como seres em evolução; e o terceiro é

o dos que vivem conscientemente à luz dessa alma e sabem, portanto, que são seres reencarnantes.

Em um importante livro de psicologia, A TREATISE ON THE SEVEN RAYS[1], os primeiros são chamados "as centelhas obscuras"; os segundos, "as luzes vacilantes" e os últimos, "os radiantes filhos da luz". Hércules é um ser que despertou como "luz vacilante" e que está agora em transição para o estado de "radiante filho da luz". A etapa em que se encontra é clara, assim como é clara a luta que ele empreende, com vontade decidida, no sentido de evoluir e de servir – o que, finalmente, se realiza.

* * *

As histórias que se seguem têm seu início na fase em que podemos tornar-nos "luzes vacilantes", isto é, quando não somos mais seres humanos meramente instintivos, "centelhas obscuras". Nessa etapa, já autoconscientes, podemos desenvolver a vontade de evoluir e controlar nossa natureza terrestre, ou humana. Como veremos, todas essas histórias partem do princípio de que Hércules, que representa cada um de nós, concorda em submeter a própria natureza humana a uma harmonização com a parte mais profunda do seu ser. Daí por diante, a evolução não permanece mais em seu ritmo natural, como o da vida que as pessoas, em sua maioria, comumente levam. Ao contrário, ocorre uma espécie de reviravolta: passamos a assumir as crises como aulas, como fatores de aprendizagem, e não mais como situações indesejáveis das quais gostaríamos de, em vão, esquivarmo-nos.

Tendo claras essas premissas, entremos sem receios pelo *portal* que se apresenta aberto diante de nós. Posso testemu-

[1] De Alice A. Bailey, Lucis Trust, Genebra-Londres-New York, 1942.

nhar que são inúmeras as ajudas interiores que recebemos durante todo o trajeto. Se vivermos cada uma dessas histórias conscientemente, fazendo ao Instrutor, que está sempre disponível no centro da nossa consciência, todas as perguntas necessárias, e se no decorrer delas não desperdiçarmos energia em chorar ou em rememorar fatos passados, experimentaremos grandes transformações em nós mesmos.

Quanto ao Instrutor, não é preciso ansiar por vê-lo e por encontrá-lo: ele está aqui, nestas páginas, ou aí, no interior de você que as lê – está em toda parte, mesmo que não o vejamos com os olhos físicos. Quando menos se espera, ele se torna perceptível, revelando-se por meio das circunstâncias engendradas por energias superiores, que têm poderes muito maiores do que nossas parcas aptidões conscientes. Ele pode mostrar-se em um sonho ou em alguma visão interna, ou, então, fazer-se presente por intermédio de um estado de ânimo positivo, de uma cura interior que ocorre não se sabe como, de uma energia especial que percebemos, ou de uma suave, invisível, amorosa e renovadora presença.

Quem é esse Instrutor? Ou melhor, *o que é* esse Instrutor? Alguns o têm como o próprio eu interno; outros, como o Instrutor do eu interno, dependendo do grau de consciência do estudante. Ambas as percepções são verdadeiras, como também é verdade que todos nós, sem exceção, somos estudantes. É por meio da reflexão silenciosa[2], ou de algum sinal intuitivo, que podemos saber qual é para nós a realidade do momento. Em certos pontos dessas histórias de Hércules, o Instrutor representa o eu interno; em outros, representa núcleos ainda mais profundos ou também consciências que

[2] A reflexão silenciosa, a qual nos referimos, nada tem a ver com os movimentos e deduções da mente concreta e racional.

instruem todos esses núcleos. Quem é, ou o que é esse Instrutor? Na verdade, este livro não pretende revelar isso, mas, principalmente, estimular o leitor a fazer descobertas por si mesmo. Deixemos, portanto, que o próprio estudante procure desvendar aquilo que lhe parecer obscuro.

Fica-lhe, no entanto, esclarecido que, quando não mais conseguimos ralentar nossos passos, nem negar o amor à verdade, e tampouco entregar-nos às forças da inércia, da separatividade e do egoísmo, é sinal de que o Instrutor se está mostrando a nós.

Passemos, pois, aos Trabalhos de Hércules. Na primeira história, seremos convidados por ele a cruzar o primeiro portal e colocados diante de éguas violentas que vivem nos pântanos, devorando homens. Cabe-nos, nessa viagem, descobrir o significado simbólico e profundo de tudo isso e, assim, crescer em consciência. Sigamos, pois, em direção ao portal. Ele esta aí, aberto, à nossa frente.

AS ÉGUAS DEVORADORAS DE HOMENS

Diante da alma de Hércules, o primeiro grande portal está aberto. Desafiante, a voz do Instrutor incita-o a seguir em frente, a que ingresse no caminho. Isso significa o início de uma série de encarnações sobre a Terra, após tantas outras, de obscuridade, em nível semiconsciente. Agora, um novo ciclo começa, com Hércules já desperto para a evolução.

O herói precipita-se com coragem, sem esconder uma vaidosa confiança e a certeza de sair-se bem.

* * *

Nas terras pantanosas além do portal, um estranho ser, temido por todos, exerce grande domínio. É perigoso caminhar por ali, uma vez que tal ser cria cavalos e éguas selvagens, extremamente violentos. Todos temem esses animais, porque dizimam o que veem pela frente, não poupando nem mesmo pessoas. Eles matam e destroem todo o trabalho realizado com o esforço humano. As crias desses animais nascem cada vez mais fortes, selvagens e maléficas, e aquele senhor prepotente nada faz para desenvolver nelas qualidades menos agressivas.

Quando Hércules inicia essa encarnação, primeira de uma série ainda caracterizada por graus elevados de ilusão, o Instrutor encarrega-o de capturar as éguas e de pôr fim àqueles atos maléficos. A ordem que ele recebe é a de libertar aquelas terras e os que nelas vivem.

Hércules tem um amigo, até então inseparável, e conta com ele para ajudá-lo a realizar essa tarefa. De fato, o amigo fiel segue-lhe os passos por onde quer que vá e, juntos, arquitetam um plano inteligente – os animais, por mais fortes que sejam, não têm a inteligência do homem. Desse modo, acabam encurralando as éguas e, após laçá-las uma a uma, o herói festeja alegremente o sucesso alcançado.

Chega, então, o momento de conduzi-las a um lugar onde se tornem inofensivas, libertando aquela região de tantas ameaças e desastres. A essa altura, Hércules acredita que sua tarefa esteja praticamente resolvida, sendo de somenos importância o restante a ser feito. Chama seu ajudante, encarrega-o de conduzir os animais selvagens para além do portal e, com visível orgulho pelo que realizara, afasta-se dali. O amigo, atendendo-o prontamente, dá início àquela última fase, considerada por Hércules como a mais simples. Ele, porém, não tem a mesma força do herói. Pelo contrário, é frágil e de pouca agilidade. Além do mais, teme a tarefa, embora não o demonstre; na verdade, não tem a mesma capacidade de Hércules para prender as éguas, amarrá-las e conduzi-las a seu destino. Assim, quando tenta transportar os animais capturados, estes, em conjunto, se voltam contra ele, matando-o. Em seguida, mais ferozes do que nunca, espalham-se pelas terras de onde estavam sendo retirados. O Trabalho volta, então, à estaca zero.

* * *

De fato, Hércules aprende uma grande lição e torna-se um pouco mais sábio e humilde. Um tanto desencorajado pelo impacto da morte do amigo, recomeça a busca das éguas. Novamente consegue capturá-las, conduzindo-as a

um local de onde não podem escapar. Resta, no entanto, o corpo sem vida do amigo como testemunha de uma ação irrefletida.

O Instrutor vem em seu auxílio. Examinando a situação, envia os animais capturados para um lugar de paz; o povo dá graças a Hércules e o tem como um libertador, enquanto o corpo do amigo fiel jaz ali, bem à vista de todos. Tristeza e entusiasmo são próprios daquelas terras e daqueles pântanos.

"Aproveite a lição desta tarefa", diz o Instrutor, depois de tudo passado. Hércules ouve-o atentamente, pois começa a ter consciência do serviço a ser prestado aos homens em geral. Por essa amostra, vê o que o espera no futuro. Mas a experiência não termina ali. Em seguida, o Instrutor diz-lhe que "o Trabalho, sim, foi feito" – percebera o empenho com que Hércules se dedicara – "porém, malfeito".

As palavras do Instrutor calam fundo na alma do herói, e é nessa situação que a voz interna volta a ser ouvida – desta vez para dizer que ele prosseguisse, que não parasse por causa do acontecido. Impulsionando-o, a voz indica-lhe o segundo portal, onde um novo Trabalho o aguarda. Antes, porém, de partir, Hércules põe-se a refletir sobre a tarefa recentemente concluída.

* * *

Para Hércules, refletir sobre o Trabalho significava tornar-se uma alma perceptiva, após tantas encarnações de cegueira e ignorância, em que se vivem superficialmente certos fatos marcantes que poderiam ser mais bem elaborados. Vê-los simplesmente passar, sem qualquer consideração a respeito, implicaria, a esta altura, deixar de desenvolver uma

série de potenciais. Seria como abandonar o pântano – elemento simbólico – entregue a si mesmo. Nesse sentido, o primeiro Trabalho é um novo início.

Uma reflexão acerca da história das éguas selvagens pode levar um indivíduo a reorientar-se, fazendo-o elevar-se do estado de consciência humano, onde a maioria se encontra, para outro, que hoje já lhe é acessível. Essa história apresenta, pois, uma energia útil tanto para o mundo das formas, no qual estamos encarnados, como para o mundo sutil, onde temos nossas raízes e onde somos entes divinos, em termos de qualidade de energia.

Quando a criatura humana desperta para cooperar com a evolução, deixando para trás as fases que vinha percorrendo em seu ritmo normal, mais lento, e dispondo-se a assumir a tarefa de capturar as éguas, ela cruza o primeiro portal, onde a alma (representada por Hércules) e a personalidade (o amigo) devem trabalhar juntas, unindo todas as suas energias. Caso contrário, certos aspectos da mente, representados, aqui, pelas éguas, jamais poderão concentrar-se na meta evolutiva e continuarão, sempre que possível, devastando. Não se esqueça, contudo, de que o ser poderá contar com o auxílio da sua parte mais consciente (ou seja, o Instrutor), que sempre estivera presente, porém mantendo-se nos bastidores e, até certo ponto, imperceptível.

* * *

Na história de Hércules, o pântano, dominado pelo prepotente senhor, simboliza a mente humana, que a esta altura do processo começa a desenvolver-se: elemento que pensa, que raciocina, não nos esqueçamos de que ela absorve durante várias encarnações o egoísmo, a crítica, a crueldade e

a tendência à tagarelice. As éguas devastadoras equivalem a tais aspectos dessa mente, aspectos que dão origem aos conceitos, às teorias e às ideias mais concretas e óbvias do homem, de modo especial às que se encaixam e se afinam com a mentalidade vigente na sociedade organizada, enfim, com o mundo das terras pantanosas – terras que podem tornar-se férteis e saudáveis quando libertas de suas imperfeições. Essas éguas, que existem em todos nós e correspondem a aspectos mentais que implicam devastação e crítica, são passíveis de transmutação e de desenvolvimento, quando inspiradas pelo "lugar de paz" – para onde devem ser levadas. De fato, no final do episódio, o Instrutor envia os animais para lá. O que significa isso?

* * *

Conforme sabemos, a mente tem dois planos: acima daquele onde as "éguas" podem existir, ela é capaz de abstrações, de captação de ideias superiores, e alberga, durante uma série de encarnações, o Instrutor do eu consciente, da parte humana do indivíduo.

Quando essa parte humana é domada, simbolicamente recebe a sela que pode sustentar o cavaleiro com firmeza. Há, então, um contato com seu nível mais alto, de onde vem tudo pronto, sintética e perfeitamente, em conformidade com as necessidades reais do homem e dos grupos aos quais pertence – e não só com suas supostas necessidades, que têm em conta um único ser.

Durante épocas seguidas, as éguas estiveram soltas: a mente foi cruel e devastadora por não ter ainda contato com o lugar pacífico que existe além dela, o da sabedoria. Ela levou o homem a devastar primeiro o seu próprio corpo

físico com hábitos inadequados, e depois a própria Natureza terrestre. Levou-o a devastar seus relacionamentos, por meio, principalmente, das "éguas" da tagarelice. Todavia, a mente superior, com sua visão conjunta, inclusiva e amorosa, é mais potente do que o poderio da separatividade e da crítica, simbolizado, nessa primeira história, pelo senhor das terras pantanosas, mencionado no começo da descrição do Trabalho. Esse senhor equivale ao princípio mental humano, ainda não evoluído.

Deter essa mente que critica, que tem ideias e teorias próprias, que é eivada de preconceitos, e transportá-la para outro patamar, levando-a a captar o pensamento superior, a energia da alma, usando-se para tanto o poder da própria decisão – eis a tarefa hercúlea a ser empreendida por nós. Advirta-se, no entanto, que isso não é obtido por meio de um mero exercício técnico, ainda que persistente; a aspiração ao silêncio interior e a ideia perene de transformar-se devem estar sempre vivas por detrás da mente que pensa – essa é a maneira de se capturarem as éguas. O ideal permanece no fundo, como um cenário protetor, enquanto a crônica da vida mental se desenrola, como uma peça de teatro.

Não devemos, porém, iludir-nos, pensando, de modo precipitado, que o Trabalho já esteja pronto. O processo de captura da mente é longo. Para que o egoísmo seja domado por completo, são necessários muito tempo e trabalho. Mais tempo ainda é requerido para que ele seja sublimado nos planos supraconscientes de cada um de nós, conforme veremos.

* * *

Em relação a esse primeiro desafio enfrentado por Hércules, há outras considerações importantes a serem feitas.

Durante a captura das éguas, assim como o herói, passamos por algumas crises bem típicas de determinado estágio evolutivo, como, por exemplo, a da superestima. Quando Hércules se considera por demais importante para executar tarefas tidas como corriqueiras, como a de conduzir as éguas capturadas, acredita que pode transferir o encargo a alguém menos dotado do que ele. Mas o amigo que o acompanha, embora fiel, não se equipara com ele em competência; esse amigo, até então inseparável, como vimos, é o eu pessoal. Outras partes do ser, com novas possibilidades, precisam agora incluir-se no processo. Hércules percebe, por meio dos acontecimentos, que ações sem a colaboração das energias da alma não são mais viáveis no seu estágio evolutivo. Assim, pouco a pouco, a mente desenvolve-se, aprendendo o que é necessário aprender.

* * *

Hércules é, portanto, um ser complexo, que trabalha para integrar todas as suas partes e que, no decorrer das suas experiências, vai formar uma perfeita unidade em si mesmo e de si com o universo.

Alguém disse que os salvadores do mundo trabalham lentamente, porque o tempo nada representa para eles. Assim é. Quem captura as éguas, conduzindo-as para o local de paz, terá a energia para tornar-se, um dia, um salvador. Esta, na verdade, é a meta de todos os Hércules.

O TOURO DA ILHA SAGRADA

A partir do momento em que Hércules resolve colaborar com a sua evolução, sua vida e suas ações deixam de ser isoladas e integram-se em maior proporção a um grande Todo. Por esse motivo, o que ocorreu durante a captura das éguas foi observado por Seres que, conscientemente, o velavam a partir de níveis mais sutis, a fim de ajudá-lo a transformar-se em um elemento de auxílio a um grande Plano Evolutivo. Assim também se dá com todos nós e, à medida que nos entregamos ao serviço planetário e que nos esquecemos de nós mesmos como pequenos egos humanos, esse Plano vai-se descortinando diante da nossa compreensão, segundo veremos.

Tantas vezes cremos executar uma atividade própria, em âmbito individual, sem percebermos que se trata do trabalho de uma Hierarquia de seres supraconscientes, da qual cada um de nós é considerado prolongamento, células inteligentes que somos de um grande organismo que vive para manifestar o Bem.

* * *

Nesta segunda história, figura um grande Ser que preside a tudo. Esse Ser, onisciente, dirige-se ao Instrutor de Hércules e diz-lhe que um fracasso, quando bem compreendido, garante o crescimento da consciência. Adverte-o, também, a deixar Hércules prosseguir e ir ao encontro da tarefa seguinte, atravessando o segundo portal. Ao receber a voz interna do grande Ser que a tudo preside, o Instrutor ordena a Hércules que passe pelo portal.

O herói vai e, então, ingressa em uma nova etapa.

Solitário e triste após a experiência anterior com as éguas malfeitoras, mesmo assim ele envereda pelos caminhos de uma nova fase. Vê, de imediato, uma formosa ilha, onde um labirinto, que confunde os homens, seduz todos com promessas de gozo.

Procurando atravessar o oceano em busca de tal ilha, Hércules tem como meta capturar um touro, tido como sagrado, que nela habita. Chegando lá, procura-o pacientemente, percorrendo vários locais, numa longa peregrinação.

Sozinho desta vez em sua busca, Hércules prossegue e é atraído pelo brilho de uma luz. Trata-se de uma estrela que fulgura na testa desse touro. Tal brilho não mais permite que o animal continue escondido em regiões escuras, sem ser identificado. Então Hércules chega ao esconderijo do touro. Mesmo sem poder contar com mais ninguém, captura-o e monta-o, como se fora um cavalo. Assim montado, Hércules atravessa o mar, deixando atrás de si a ilha formosa, e volta para o continente levando consigo o touro.

Três seres portadores de um único olho no centro da testa aguardam Hércules no continente. De maneira misteriosa, eles também vinham observando seus progressos, principalmente sua façanha de atravessar as ondas do oceano. Logo que chega à terra firme, Hércules é recebido pelas três criaturas, que seguram o touro recém-capturado e liberam o herói desse encargo.

Esses seres, irradiando grande poder e sabedoria, como que testando Hércules, fazem-lhe algumas indagações. Perguntam-lhe, por exemplo, qual o motivo de sua estada ali no continente. O herói responde-lhes, de modo decidido, que queria ter o touro sob o seu controle. Em seguida, informa-lhes que o rei da ilha, que até então mantivera o

touro prisioneiro, tencionava conquistar esse animal. Se isso acontecesse, segundo Hércules, seria uma espécie de morte.

As três criaturas perguntam-lhe também quem o mandara buscar o touro e salvá-lo daquele rei e daquela ilha. Hércules demonstra-se consciente do seu caminho, respondendo que foi dentro de si mesmo que sentiu a necessidade de capturar o animal e que, para tanto, tinha sido guiado por uma luz sagrada no momento de encontrá-lo. Diante disso, aqueles seres de um só olho disseram-lhe que seguisse em paz e que considerasse completada a tarefa.

O Instrutor, que acompanhava aquela cena, faz-se, então, visível. Aproximando-se, observa com alegria que o guerreiro está de mãos vazias: voltara da tarefa sem contar vitória, dizendo apenas que o touro fora resgatado e que estava sob a guarda dos três seres.

Depois de tudo isso, Hércules pôde, então, repousar sobre um tapete de relva. O Instrutor afirmou-lhe que a tarefa estava concluída e que fora um trabalho relativamente fácil. A ausência de dificuldades pode-se dever ao fato de que Hércules jamais estipulara um preço como recompensa e nunca fora menos solícito, embora nada esperasse da façanha.

* * *

Nessa história, deparamo-nos com um personagem importante, que é o grande Ser que preside. Ele se encontra num nível além do Instrutor, tanto em termos de capacidade como de consciência. O que é esse Ser? Existiria uma hierarquia de seres na órbita da Terra? Qual seria sua função e que contatos teria conosco, indivíduos ainda humanos? Essas questões, se levantadas, irão suscitando respostas dentro de cada indagador, em seus momentos de reflexão, no decorrer dessas viagens.

Outro fato digno de nota, que o segundo Trabalho de Hércules nos revela, é que não há fracassos. O Trabalho anterior fora considerado malfeito; entretanto, eis Hércules aqui diante de uma segunda oportunidade. Somente em níveis emocionais e mentais, experiências que desagradam são vistas como fracassos; de um ponto mais elevado, de onde somos observados por consciências mais amplas, o fracasso não existe. O que importa é a experiência feita, a vivência assimilada, o desenvolvimento alcançado. Tudo o que leva à transformação é válido. Por conseguinte, a morte do amigo e o fato de o herói precisar capturar novamente as éguas, na primeira história, não são, na verdade, um fracasso. Foram essas experiências que levaram Hércules a refletir, a sofrer, a pensar com maior profundidade. Após assimilar o que vivera, ele já estava apto a atravessar o segundo portal e encontrar outra tarefa à altura da sua compreensão, agora mais desenvolvida.

* * *

Enquanto no primeiro Trabalho a parte humana de Hércules é equipada com a mente, e sua tarefa é adequar essa mente às necessidades reais, no segundo, a sua parte humana, já equipada com o desejo bem robustecido, precisa ser trabalhada e transformada. O touro que figura neste Trabalho simboliza o sexo em todos os seus aspectos: desde a energia criativa até o desejo animal. A ilha com seu labirinto representa a grande ilusão, o eu separado, o universo do desejo; o continente, para onde Hércules leva o touro domado, a consciência do eu superior, da alma.

Neste episódio, nesta etapa do desenvolvimento da alma, Hércules é ainda a unidade que percebe a si mesma separada, dividida do continente pelo mundo da ilusão (o oceano),

com o qual ainda se envolve. Montar o touro significa, aqui, controlar o sexo. Note-se que este não é massacrado, nem morto, mas montado e guiado sob a maestria do homem.

Os que vivem no continente simbolizam o uso correto da energia. Na sua natureza animal, Hércules é o touro, e na sua natureza superior corresponde a esses seres corretamente polarizados e que, por isso, têm um único olho. Os seres são três, porque cada um corresponde a determinado aspecto divino da alma: vontade espiritual, amor-sabedoria e inteligência ativa.

* * *

O continente, como vimos, simboliza a consciência superior não separatista. Controlar o touro e conduzi-lo até lá só é possível depois que o homem se torna solitário, isto é, quando assume a própria evolução sem esperar que outros decidam por ele. Somente depois de provas duras é que ele estará em condições de controlar a energia sexual. Antes disso, essa energia apenas alimenta e atrai os seus desejos. O labirinto da ilha é vencido quando o homem já perdeu uma série de ilusões, pois, então, as promessas de gozo não mais o atraem tanto. Observe-se que a primeira tarefa, com o seu "fracasso", foi de capital importância para criar essa receptividade em Hércules.

* * *

Este segundo episódio mostra-nos, pois, que o relacionamento de um indivíduo com a energia sexual depende do seu grau evolutivo. Não há dois indivíduos em pontos iguais, portanto não há fórmulas para esse relacionamento. A educação, a atitude e a aprendizagem do homem, ao confrontar-

-se com essa energia, estão diretamente ligadas à consciência que ele já pôde atingir. Em seus *Notebooks*[1], Paul Brunton esclarece melhor o assunto, apresentando quatro etapas correspondentes à evolução do homem em relação à energia sexual. A fim de sintetizar o que foi aqui apresentado, organizamos o quadro a seguir, segundo esse ensinamento:

Homem comum	**Aspirante inicial**	**Aspirante avançado**	**Indivíduo realizado**
Não está particularmente interessado em mais que uma boa vida. Permanece nas aspirações convencionais.	Usa uma disciplina sexual moderada.	Busca atingir o mais alto padrão possível de autocontrole.	Tem total controle da energia sexual.
Não procura orientação alguma de ninguém no campo do sexo, a não ser para ter mais prazer e bem-estar.	Tem ritmo em suas práticas sexuais.	É capaz de abstinência total quando não ligado a alguém.	Não tem mais desejos nem paixões.
	Compreende a natureza da força sexual.	Procria se necessário, porém de modo qualitativo e não quantitativo.	Não necessita de regras de disciplina.
	Impõe-se limites nesse campo.	Neste caso, cabe eventualmente orientação por parte de alguém mais experiente.	Procria quando necessário a título de serviço: prover corpos físicos para almas evoluídas.
	Quanto ao uso da energia, aceita ou não orientação de alguém mais experiente.		Nenhum conselho e nenhuma orientação externa é cabível ao indivíduo deste nível.

[1] Vide *THE NOTEBOOKS of PAUL BRUNTON*, Vol. 4 – Paul Brunton, Larson Publications, New York, 1987. A obra completa consta de dezesseis volumes; o primeiro deles, intitulado IDEIAS EM PERSPECTIVAS, foi publicado pela Editora Pensamento.

Antes de mais nada, lembre-se de que o touro que figura neste Trabalho é símbolo do potencial criativo que, se redirecionado, se transforma em um tipo não sexual de energia, útil para outros fins, além da procriação. Examinando-se o quadro acima, pode-se facilmente encontrar o próprio ponto de evolução em termos do uso dessa energia e perceber quais os passos a serem dados a seguir. Atente-se, contudo, para o fato de que na escala evolutiva não se saltam etapas e que existe sempre algo que podemos fazer para galgar o degrau seguinte.

* * *

Para "montar o touro", levando-o da separatividade e do desejo pessoal ao continente do "bem grupal", são necessárias a cooperação da mente e da vontade e a reeducação do ato de respirar. A mente coopera quando compreende a verdadeira ideia do celibato – ideia que, a partir dessa compreensão, adquire outro sentido, mais amplo do que a conotação normal dos dicionários. Entende-se aqui por celibato a polarização de toda a energia mental da criatura em um só ponto – no caso, na alma, que, passando a ser a única meta do indivíduo, reafirma seu próprio propósito. Com a alma completamente voltada para o próprio propósito e a mente nela concentrada, temos a ação, o sentimento e o pensamento corretos. O indivíduo está, assim, com a energia unificada em direção aos mundos supra-humanos e é, portanto, celibatário.

Outro aspecto a ser considerado é o da reeducação do ato de respirar. Trata-se de diminuir o nosso número de respirações por minuto, fato que decorre naturalmente da elevação da energia do indivíduo que, deixando de polarizar-se nos desejos humanos, se volta para as metas da alma.

As respirações pausadas, rítmicas, não excessivas, permitem um intervalo maior entre a inalação e a exalação, e entre esta e a inalação seguinte. Quando esses intervalos são suficientemente longos, durante eles imprime-se a vibração da alma na mente e a da mente no cérebro. Com tal estimulação, a integração da personalidade é facilitada.

O ritmo respiratório ralenta-se quando a mente é colocada em ideias fora do corriqueiro, ou quando ela busca o centro da própria consciência. "Cala-te, aquieta-te e sabe que Eu sou Deus", diz a antiga voz, conhecida dos místicos.

Os aspirantes, tanto os iniciantes quanto os mais avançados, têm de passar por provas sucessivas, até que suas vibrações se definam, ou seja, até que a qualidade delas se estabilize. Tais provas vêm no sentido de ajudá-los a superar a própria natureza animal, neutralizando os efeitos da ilusão do ambiente e da sociedade de consumo. Há três grandes obstáculos a essa realização: a mente ocupada com pensamentos sobre sexo, a preocupação em satisfazer desejos e a incapacidade de resistir à atração exercida pelo sexo oposto. Como se vê, a sociedade atual coopera para que esses obstáculos sejam fortalecidos. Nesta época, o desafio é, portanto, considerável para todos.

* * *

O resultado deste Trabalho de captura do touro equivale a reconhecer as funções sexuais físicas como uma herança divina, como algo que nos foi dado para a continuação da espécie humana no plano físico – já que em outros níveis de consciência, não há necessidade de reprodução sexuada, como se sabe. Esse grupo humano do plano físico não é, porém, para ser reproduzido indiscriminadamente, uma vez

que isso acarreta superpopulação, miséria e promiscuidade. Na época de hoje, ao mesmo tempo que essa reprodução inconsciente e desequilibrada se evidencia sobremaneira, prepara-se o encaminhamento, para esquemas planetários ainda iniciantes, das almas que não podem acompanhar a evolução da Terra. Portanto, antes que esse novo destino se abra para elas, o equilíbrio universal dá-lhes múltiplas oportunidades de fazerem suas últimas experiências terrestres, que lhes serão de grande valia no seu próximo habitat. Assim sendo, milhões de almas que não teriam mais condições de encarnar neste planeta o estão fazendo por algum tempo ainda. Com isso, cria-se um ambiente caótico na superfície do planeta, situação que é, entretanto, transitória.

Principalmente nos tempos futuros, a humanidade terá o número de seres encarnados regulado por energias criativas e inteligentes, responsáveis pela manifestação das formas de vida no Sistema Solar. Nessas circunstâncias, hoje incomuns, mas que constituirão a normalidade do ciclo vindouro, a alma encarnante, em contato consciente com seu próprio grupo no nível causal, onde tais grupos existem, saberá por intermédio de quem irá nascer na superfície da Terra. Por outro lado, as almas dos seres encarnados que servirão como canal para esse nascimento físico se prepararão para propiciar as circunstâncias para tal fato.

As personalidades humanas desses seres executam a tarefa de geração no plano físico, após todo o processo encarnatório já ter sido decidido, em completa consciência, nos níveis superiores e sutis. A alma encarnante, assim concebida, traz lucidez e clareza a respeito da sua realidade: prolongamento de um grupo de almas que vem prestar serviços ou, então, completar trabalhos que seu grupo está encarregado de desenvolver em várias dimensões de vida.

Com o advento de uma nova era, muitas almas conscientes e evoluídas estarão a caminho da encarnação na Terra. Para tanto, é necessária a formação de uma nova mentalidade sobre o uso da energia sexual. Vê-se, pois, que a qualidade do contato sexual é parte das condições que se proporcionam às almas encarnantes. Se esse contato é baseado no desejo, na possessividade ou no egoísmo, limitada e degradante é a vibração dessas circunstâncias encarnatórias. Mas, se a relação conta com o respaldo de aspirações superiores e se uma harmonia de propósitos guia os dois seres, que naquele momento servem de canal para a encarnação, existe a possibilidade de almas de considerável evolução serem atraídas para este planeta físico.

* * *

A energia sexual, criativa enquanto reprodutora, tem a função de perpetuar a humanidade, provendo corpos para as encarnações de almas. Cumprida essa tarefa, ela pode, no entanto, ser sublimada em todos os seus aspectos de desejos e transformar-se em capacidade de criar em níveis de consciência superiores, já abertos ao homem.

Existe uma inter-relação não só entre indivíduos de sexos diferentes (compreendendo-se o sexo físico como manifestação de uma polaridade do ser), mas também entre planetas, entre sistemas solares e entre universos. Assim como um homem e uma mulher se unem para trazer à encarnação outra alma, um planeta também tem, no espaço, o seu par complementar. Por sua vez, um sistema solar também tem seu complemento em outro sistema solar, e um universo passa pela mesma experiência de complementar-se com outro universo. Um indivíduo, complementando-se com outro,

forma um terceiro indivíduo, encarnado; um planeta, complementando-se com a energia de outro, cria algo para nós desconhecido; um sistema solar, complementando-se com outro, produz manifestações que ainda não foram reveladas à mente humana. O mesmo se dá com as criações concernentes a dois universos que se completam: elas ainda são inimagináveis para a maioria dos pesquisadores terrestres.

O controle do desejo sexual, o ato de levar o touro da ilha para o continente e de entregá-lo aos seres de um olho só são, em um ser humano, tarefas de repercussão mais profunda do que a mente concreta pode conceber. Uma vez cumpridas, serão dadas aos indivíduos, posteriormente, provas ainda mais sutis no campo do sexo.

COLHENDO AS MAÇÃS DE OURO

Falava-se, naqueles tempos, da existência de uma árvore preciosa e ambicionada, que dava maçãs de ouro, mas ninguém conhecia o caminho que levava até ela.

Hércules, sempre observado pelo Ser que preside e pelo seu próprio Instrutor, preparava-se para assumir tarefas cada vez mais amplas. Assim é que ele parte em busca das famosas maçãs de ouro, disponíveis apenas aos verdadeiros buscadores, aos que persistem.

Tida como a árvore da sabedoria, a macieira de frutos de ouro parecia viver em terras bem distantes. Muitos a desejavam, querendo seus frutos. Compreendendo que devia ir buscá-los, Hércules pede ao seu Instrutor que lhe indique o caminho. Este, entretanto, lhe diz que cabia a ele mesmo, Hércules, encontrá-lo, pois não era possível ensinar a ninguém tal rumo. Apenas algumas indicações gerais podiam ser dadas, devendo o herói empreender esforço próprio para tanto. Outro ponto que Hércules depreende da conversa interna com seu Instrutor é que pessoa alguma podia fazer isso no lugar de outra. A lição era a de que podemos ser ajudados, mas não substituídos.

Quanto à árvore a ser encontrada, sabia-se que três virgens a protegiam e que tais virgens, por sua vez, eram guardadas por um dragão. Vê-se, pois, que essa busca não era tarefa tão fácil. Sem querer interferir, o Instrutor sugere ao herói que tome cuidado para não se desgastar durante o novo Trabalho, e adverte-o de que forças contrárias, superiores às de Hércules, poderiam interferir em seu caminho. Hér-

cules é também lembrado pelo Instrutor de que há enigmas na vida ainda incompreensíveis para ele. Era preciso, então, ter calma consigo mesmo durante essa busca. Finalmente, o herói é avisado de que se depararia com cinco grandes testes, que, vencidos, implicariam maior aperfeiçoamento seu na tarefa que se dispusera a empreender.

Confiante, Hércules parte em busca da árvore e das maçãs. Primeiro, vai em direção ao norte, viajando por toda a região, mas nada encontrando. Ninguém sabe informá-lo a respeito do objeto de sua procura, pois poucos são os que se dedicam seriamente a isso. Assim sendo, o herói vaga por muito tempo, sem maiores resultados.

O Instrutor, sempre atento, percebe que Hércules precisa de ajuda e envia-lhe um emissário. O herói, porém, não se dá conta dessa ajuda e não identifica a proveniência das mensagens que lhe são transmitidas. O emissário nada pode fazer. Hércules está ofuscado por impressões de caráter externo que vai recebendo pelo caminho. Esse é o seu primeiro teste durante a busca das maçãs de ouro. Como já era esperado, ele não passa na prova, uma vez que não reconhece a inspiração que lhe vem de um nível mais elevado.

Decide rumar então para o sul, e prossegue na busca. Segue agora seu próprio instinto e conta com a sorte, procurando a árvore com base em sua aparência física. Nada encontra.

"Onde estou falhando?", pergunta ele a si mesmo. A ilusão das formas físicas tenta-o o tempo todo. Tanto assim que uma serpente sempre lhe aparece, como símbolo dessa ilusão. Enquanto busca a forma física da árvore e das maçãs, Hércules não teme essa serpente e acha-a até natural. Vai convivendo com ela e, assim, o resultado desta prova mantém-se indefinido. Faltam ainda três outros testes antes que a tarefa termine.

Os homens que não assumem totalmente o trabalho evolutivo vivem com essa serpente a seu lado sem sequer percebê-la, mantendo com ela uma convivência pacífica. Estando de certo modo nessa situação, Hércules parte para o oeste, sempre em busca da árvore, e lá encontra o terceiro dos cinco testes. "Eu sou seu instrutor", diz-lhe um homem que aparece diante dele. "Sou o portador da verdade e todos os outros ensinamentos que não os meus são falsos", afirma-lhe aquela figura incomum. Acreditando no que ouve, Hércules permanece com esse suposto instrutor, pelo qual se toma de afeto. Aceita todas as suas ideias, sugestões e ensinamentos. Porém, sem perceber, vai-se tornando mais e mais fraco. O falso novo guia, de aparência sedutora e de palavreado envolvente, certo dia aprisiona-o em uma espécie de altar, a fim de que Hércules, embora preso, se sinta endeusado. Iludido como estava, o herói gosta, a princípio, dessa nova situação.

Durante um ano Hércules permanece fechado nessa espécie de redoma. Com o passar do tempo, porém, ele experimenta um enfraquecimento progressivo em seus corpos. Só então é que as antigas palavras do emissário enviado por seu Instrutor interno, emissário este que ele não havia reconhecido, lhe voltam à mente: "A verdade está dentro de você, amado Hércules". Quando pronunciadas, essas palavras trazem consigo, de modo sobrenatural, a certeza de que poder e luz são acessíveis a qualquer homem por direito de nascença. Estimulado pela recordação de verdades que há tanto tempo ouvira, Hércules liberta-se das amarras com as quais o falso instrutor o prendera ao altar. Rompendo a redoma que lhe fora tão cômoda por um ano inteiro, decide prosseguir sua busca há tanto esquecida. Dirige-se para longe, levando consigo a profunda experiência daquela prisão.

* * *

Pondo-se a caminho, tem, de repente, seus passos interrompidos por um grito de profunda tristeza. Sua atenção é desviada para um bando de abutres que sobrevoam uma grande pedra. Hércules permanece alerta. Outro grito lancinante chega-lhe aos ouvidos. Sem hesitar, ele toma a direção de onde viera o apelo. À medida que se aproxima do local, percebe que precisa chegar logo, que urge encontrar aquele que grita. Com isso, o herói esquece a busca da árvore e das maçãs, indo ao encontro do necessitado.

Trata-se de Prometeu, que, acorrentado à pedra dos abutres, sofre dores terríveis: as aves bicam-lhe continuamente o fígado, matando-o a sangue-frio. Hércules chega bem perto e rompe as correntes que prendem a vítima. Movido por miraculosa energia, expulsa os abutres dali e começa, amorosamente, a cuidar das feridas do agonizante. Só depois Hércules retoma o seu caminho.

A voz do Instrutor interno volta a manifestar-se em sua consciência, dizendo-lhe que o quarto e penúltimo teste havia passado e que ele se saíra bem: "Você deteve-se para ajudar Prometeu, mas isso não o retardou; pelo contrário, fez com que progredisse". Hércules vê, então, que está aprendendo a servir.

* * *

O guerreiro prossegue, depois, em sua busca da árvore e das maçãs de ouro, mas não as encontra. Cansado, dá ouvidos a um peregrino que passa por ali. "A árvore está naquela montanha", diz o velho homem, que não inspira muito crédito, uma vez que aponta para longe, como se a árvore existisse apenas em sonhos. Na esperança de encontrá-la,

de ver de perto as virgens guardiãs e de vencer o anunciado dragão, o herói ruma decididamente para o lugar apontado.

Lá, o que Hércules encontra é Atlas, gigante que carrega o peso do mundo sobre os próprios ombros. Cambaleante, ele porta marcas de sofrimento. Curvado pela dor, que não consegue mais suportar, pede ajuda a Hércules. Uma vez mais o herói esquece-se da árvore sagrada e das maçãs de ouro, e lança-se em socorro de Atlas. Sentindo a dor do gigante, remove-lhe o mundo dos ombros, colocando-o sobre os seus.

Fato misterioso ocorre então. O mundo, agora sobre as costas de Hércules, torna-se leve como por encanto e os dois veem-se livres. Sem o peso, o herói volta-se para o gigante, que, também liberado, lhe estende as mãos, sem dizer palavra. Para surpresa de Hércules, as mãos do gigante continham as maçãs de ouro por tanto tempo procuradas.

Assim termina a busca das maçãs, sem que, na verdade, a árvore existisse no plano físico. Do mesmo modo, logo a seguir, aparecem as virgens, sem que o herói se tenha dado ao trabalho de procurá-las. "O serviço altruísta foi o caminho que te trouxe até nós", afirmam elas. "Leva as maçãs e não te preocupes com mais nada", dizem-lhe numa só voz. Essa mensagem é tão forte, que provoca no herói uma metamorfose: agora ele está disposto a entregar as maçãs tão cobiçadas a quem quer que as esteja sinceramente procurando. E é com essa nova disposição que retorna, levando-as consigo.

E, nesse terceiro Trabalho, Hércules é aprovado por aqueles que o guiam internamente.

* * *

Esta história fala por si mesma. Representa ela o momento da nossa evolução em que tentamos ficar aptos a sentir a presença do eu interno, da alma. Nessa fase, acreditamos na alma, assumimos a responsabilidade da própria evolução, mas ainda não experimentamos o reino supra-humano; estamos, portanto, entregues a uma crença, e não à realidade da existência da alma. Quando se vivencia a verdade daquilo que se buscou por tanto tempo, caem as crenças: a partir de então, sabe-se.

No estágio da crença, a alma é uma presença um tanto vaga, percebida por meio de algumas circunstâncias, de pequenos fatos, nos quais reconhecemos ser guiados por algo interno, por uma inteligência impessoal. Nesse estágio, como nossos canais de compreensão não estão suficientemente desobstruídos, essa presença pode estar agindo, pensando, falando, não sendo, porém, totalmente percebida.

* * *

Neste Trabalho, conforme se viu, Hércules passa por cinco testes diferentes, típicos da etapa em que a alma e os corpos do indivíduo fazem a tentativa de coordenarem-se entre si. No primeiro teste, ele não reconhece a presença e a mensagem do verdadeiro emissário do Instrutor interno, que, em nossa vida, pode manifestar-se por intermédio de qualquer outro ser que nos diga algo que o nosso próprio eu superior nos diria. Na maioria das vezes, porém, não lhe damos importância e deixamos que a oportunidade passe despercebida.

O segundo teste diz respeito à ilusão do plano físico, pois Hércules continua procurando a árvore da sabedoria como se ela fosse uma planta palpável. Insiste ele nessa busca externa

por muito tempo, e a procura da sabedoria e do conhecimento fora de si atrai o encontro com um falso instrutor, que o engana, expressando-se de forma convincente e impressionante e dizendo-se depositário da verdade. Alertado pela própria desvitalização, que se torna um fato concreto, e pela memória das palavras que há muito tempo ouvira do emissário de seu Instrutor interno, Hércules consegue despertar daquela espécie de anuviamento e libertar-se do impostor.

Já o terceiro teste indica que procurar a verdade no plano externo não traz resultado positivo para os que chegaram à etapa de buscarem-na dentro de si. Enquanto o homem vive em profunda ignorância, antes de despertar para assumir conscientemente sua evolução, não percebe que o eu interior (aqui representado por Prometeu) está prisioneiro das próprias ações passadas e do carma[1] gerado pelo ego humano na vida material. É quando chega o momento de voltar-se para o interior que essa imagem do próprio ser prisioneiro é mostrada, a fim de que o indivíduo, consciente e voluntariamente, comece o trabalho de libertar-se de si mesmo, de seus aspectos humanos e limitados.

Diante de Prometeu acorrentado, Hércules esquece os próprios planos e a busca da árvore sagrada, ocupando-se daquele que parece estar no final da vida. Trata dele, esquecido de si próprio, e assim se deixa imbuir da energia do serviço altruísta. Prossegue, porém, sua caminhada ainda pelas vias externas (como é natural), à procura da árvore das maçãs de ouro.

[1] Quando o homem age, sente e pensa movido por suas próprias tendências pessoais, desconsiderando o bem geral, inevitavelmente ele se distancia da harmonia e da meta universal, e o que desse modo é por ele gerado cria vínculos, positivos ou negativos, que têm de ser desfeitos ou equilibrados. A tais vínculos, construídos nos mundos externos, dá-se o nome de carma material.

* * *

É chegado, então, o último dos cinco testes. Após encontrar em Prometeu o reflexo do próprio eu superior, Hércules depara-se com um aspecto seu ainda mais amplo: a parte de seu ser que em algum nível de consciência já assume a responsabilidade não só pela própria evolução, mas que compreende também a coparticipação nos acontecimentos do mundo. Por isso, Atlas, gigantesco aspecto de Hércules, carrega o mundo nas costas. O sinal que o herói dá a respeito de sua adesão ao serviço planetário é retirar o mundo dos ombros de Atlas, colocando-o sobre os seus. Diante da dor do gigante, esquece-se completamente da busca da árvore e do seu próprio progresso. Passa pela experiência de receber as maçãs de ouro das mãos daquele a quem ajudou de modo altruísta, sem pensar um momento sequer em si mesmo. No decorrer dessas ações, pôs em prática o que aprendeu até então em teoria, ou seja, a coordenação dos corpos da personalidade com a própria alma.

O autoesquecimento, que leva à energia correta no ato de servir ao outro, elimina a possibilidade de desencorajamento em qualquer tipo de crise; faz com que as decepções não nos toquem mais e com que não tenhamos pressa. O desencorajamento, as decepções e a pressa – eis três obstáculos à coordenação dos corpos da personalidade com a alma. Se o homem age desinteressadamente, sem visar resultados para si, esse processo dá-se natural e gradualmente, sem preocupações, ansiedades nem conflitos.

* * *

Imperceptivelmente, a ligação entre os corpos da personalidade vai-se fortalecendo e, por meio de uma ação in-

terna, da qual o eu pessoal não tem consciência, a ligação com a alma se forma. Uma paz até então desconhecida vai-se instalando no ser que não mais se preocupa tanto consigo mesmo e com os prêmios por sua busca espiritual. Tudo passa a acontecer com simplicidade e o indivíduo percebe que ele é obra de um grande arquiteto universal. Daí por diante emerge um estado de louvor espontâneo, interno e secreto, louvor que se torna o alimento dos seus dias de vida sobre a Terra.

A CAPTURA DA CORÇA

Em seu quarto Trabalho, Hércules, que ainda obedece a muitas vozes, é testado em relação a qual delas seguir. A tarefa proposta é aparentemente simples, porém adequada para despertar sua sabedoria e treinar sua capacidade de escolha. Na vida, parece que tudo o que é realmente importante se apresenta com uma forma externa muito simples. E assim é a captura da corça.

* * *

Silêncio profundo. Uma paisagem serena estende-se para além do portal. No horizonte vislumbra-se um templo; a meia distância, sobre uma elevação, está a corça, jovem, esguia. Hércules observa-a atentamente, procurando escutá-la. Imóvel e silencioso, ouve então uma voz que vem dos arredores do templo e que afirma categoricamente: "Esta corça é minha. Fui eu quem a alimentou durante todo esse tempo".

Logo a seguir, eleva-se outra voz, competindo com a primeira: "Não, a corça é minha! Finalmente ela me poderá ser útil e, portanto, ficarei com ela".

Hércules permanece atento, imparcial, ouvindo as duas vozes em disputa. Agora, uma terceira voz, interna, é escutada pelo herói: "A corça não é de quem a está reivindicando, mas sim do Deus do templo". Muito decidida, assevera que Hércules é quem deve capturar a corça, sem, todavia, entregá-la a ninguém e nem tampouco tomá-la para si, mas conduzi-la ao templo mencionado.

Hércules atravessa o portal, deixando, porém, para trás vários presentes que recebera no passado. Este sinal de desapego é importante, porque prepara seu ser para a renúncia que deverá fazer a seguir. Artemísia, primeira voz que se fizera ouvir, e Diana, que se expressara em seguida, estão, a esta altura, observando atentamente todos os movimentos do herói. Empenham-se em desviá-lo da meta proposta, ao mesmo tempo que vigiam a corça, que ambicionam. As duas começam, a partir daí, a tentar bloquear os esforços de Hércules.

Ele vai ao encalço da corça por todas as partes, e tem sua tarefa dificultada pela presença e pela interferência possessiva de Artemísia e de Diana. Assim, durante um ano, de montanha em montanha, escondendo-se pelas florestas, tenta capturar o animal, sem o menor resultado. Mas o herói não desiste e consegue acompanhá-lo, ainda que de longe. Finalmente, um dia a corça, cansada da fuga, estende-se na relva para dormir. Hércules aproxima-se dela em passo silencioso, cautelosamente, sem nenhuma ansiedade, as mãos prontas para apanhá-la, se for o caso de agarrá-la de imediato, e os olhos firmes sobre ela. No momento oportuno, dono de si e dos seus movimentos, dispara uma flecha que lhe atinge a pata. Impossibilitada de caminhar, a corça não se move quando Hércules se aproxima, e ele, segurando-a nos braços, mantém-na firme, apoiada sobre o próprio coração.

O herói dá, então, por terminada a busca da corça, mas, em vez de levá-la ao templo, passa a lamentar-se, relembrando todos os sacrifícios por que passara, dizendo, para que o Instrutor o ouça, que buscara a corça por muitos lugares, que atravessara florestas, planícies, bosques... "Enfrentei a natureza selvagem, os desertos, resisti aos obs-

táculos que dificultavam meu trabalho, esforcei-me, enfim, persisti. Decididamente, a corça é minha!", diz ele. "A corça é minha!", repete.

"Você se engana", ressoa a voz conhecida do Instrutor invisível. "A corça não pertence a nenhum de vocês, mas deve ser conduzida ao templo onde moram todos os filhos de Deus." Hércules tenta esclarecer-se então sobre o assunto, já que parte do seu ser insiste na posse da corça: "Mas, por quê?" E, tentando uma justificativa que poderia ser persuasiva, argumenta: "Não vê que a seguro junto ao coração?"

O Instrutor procura, então, transmitir-lhe algumas verdades que sua mente conturbada não conseguia captar. Pondera, procurando fazer com que Hércules perceba que, como filho de Deus, deveria considerar aquele templo como sua própria morada. "Se a corça estiver lá, vocês não estarão juntos? Ou você não irá morar lá?", pergunta-lhe. Hércules nada responde e o Instrutor acrescenta: "Por que você não compartilha da vida dos filhos de Deus?" Isso porque os filhos de Deus vivem todos no templo, sem se preocuparem em ter posses.

Encontrando ressonância na mente de Hércules, amorosamente, fala-lhe o Instrutor: "Deixe a corça no templo". O herói acede. Leva o animal para dentro do recinto e coloca-o bem no centro. No momento, porém, em que vê sua pata ferida, volta a sentir-se com direitos sobre ele. "A corça é minha", insiste. Artemísia, que permanecera do lado de fora do templo, ouve esta última frase e retruca que a corça é dela, pois que, afinal, durante toda a vida vira seus reflexos na água dos rios e dos lagos e sempre seguira seu caminhar pela terra. Considerava-se ela dona de todas as formas...

Tendo em vista esses fatos, o Deus daquele templo resolve pronunciar-se definitivamente: "A corça é minha. To-

dos os espíritos repousam em meu seio – portanto esta corça também". Voltando, então, o olhar para fora, dirigiu-se às duas jovens: "Artemísia, não entre neste templo. Você, Diana, pode fazê-lo, mas somente por alguns instantes". Diana, um pouco acanhada, entra e, ao ver a corça, que lhe parece morta, é tocada pela cena e apela: "Por que não podemos estar no templo, como ele?" O Deus responde-lhe que Hércules trouxera a corça amorosamente e que a pousara sobre o próprio coração.

Assim termina este teste, com a corça sob a tutela do Deus do templo, mantida, pois, em lugar sagrado.

* * *

Indo-se dali, Hércules ouve do Instrutor a recomendação de olhar outra vez para o templo. Do portal, ele divisa a paisagem que lhe é familiar e reconhece uma jovem corça andando sobre as colinas. O herói permanece atônito, sem nada compreender, e, proveniente de um nível muito elevado, ouve-se, a seguir, uma voz diferente de todas: "Pacientemente, é preciso buscar a corça e levá-la como presente ao lugar sagrado. Isso é feito século após século, incontáveis vezes, até que de lá ela não saia mais".

Silenciada a voz vinda do alto, Hércules prossegue sua caminhada conforme orientação de seu Instrutor.

* * *

Fica patente aqui que as personagens que aparecem nos mitos são, quase sempre, aspectos do mesmo ser – no caso, do próprio protagonista da história. A corça deste episódio, por exemplo, representa para nós vários aspectos de Hércules, alguns já conhecidos, outros ainda em potencial.

Quando o indivíduo emerge da consciência de massa, interage com o instinto, com o intelecto e com a intuição, tendo consciência dessas três energias bem diferentes entre si. Ora é uma, ora é outra que predomina. Sua tarefa é, então, transformar o instinto em intuição, usando, para isso, o próprio intelecto, que deve compreender o processo, concordar com ele e participar da obra. Caso contrário, surgem os conflitos psicológicos que todos conhecemos. A corça, portanto, significa às vezes o instinto, a parte mais material do ser; outras, é o intelecto, que argumenta e analisa; e ainda outras vezes equivale à própria intuição, luz que traz em si todas as soluções, dispensando o uso do raciocínio. O lado instintivo, possessivo, quer ter a corça só para si; o intelecto, por sua vez, não se dispõe a desapegar-se dela; todos se julgam seus proprietários, até mesmo o eu consciente do indivíduo.

* * *

Para atingir o propósito deste Trabalho, o eu consciente não se deve deixar influenciar pelo instinto (Artemísia) e nem pelo intelecto (Diana), mas seguir a voz da sabedoria. A consciência de massa, embora transcendida, tem enraizado em si o senso da propriedade, que é uma das últimas ilusões da qual o homem evoluído se liberta. Entretanto, o próprio Deus do templo, usando palavras típicas dos homens, afirma que a corça é dele. Sim, tudo é de todos, tudo é do Único.

Sendo, simultaneamente, símbolo do instinto, do intelecto e da intuição, a corça começa a indicar a consciência da unidade no homem. Imprevisível é a intuição que esse animal representa: em determinado momento, encontra-se deitada, imobilizada, dentro do templo: logo depois é vista esguia, cheia de vida, saltando pelas colinas...

A busca que o homem empreende ora se identifica com o passado (instinto), ora com o presente (intelecto), ora com o futuro (intuição), etapas evolutivas da humanidade. Para o instinto e para o intelecto, é difícil aceitar que, num estágio futuro, a propriedade não existirá como agora. E se, após ter acalentado e protegido a corça em seu próprio coração, o homem consegue depositá-la no templo onde estão incluídos todos os filhos de Deus, é sinal de que já atinge o nível espiritual de consciência.

* * *

Vejamos, agora, por que Artemísia não é aceita no templo e a Diana só é permitido entrar em seu recinto por alguns momentos. Esse templo, que recebe o que de mais caro o homem tem, equivale ao corpo da alma – que vai absorvendo, transformadas, todas as tendências humanas. Enquanto tais tendências não são conduzidas à purificação, não podem ser transmutadas em algo superior, em algo que é tido como irreal para a percepção mais densa. O intelecto (Diana) em parte já compreendeu do que se trata e, por isso, experimenta um pouco daquilo que no futuro constituirá sua própria vibração. Mas é à medida que o eu consciente convive com a intuição, com o mundo espiritual, que ele consegue impulsionar e reunir todos os seus aspectos, elevando-os e renunciando a eles, densos que são.

Isso vai ocorrendo quando o indivíduo assume coordenar todos os elementos que constituem o seu ser: trabalha-os, transmuta os aproveitáveis e transformáveis e rejeita os que são relutantes à evolução.

Existem, pois, elementos de Artemísia que, no futuro, entrarão no templo; outros que voltarão ao reservatório ge-

ral de átomos do planeta[1], para compor novos corpos e novas facetas de outros seres. Todo esse movimento é típico do processo de desenvolvimento do homem, até que, atingido o nível espiritual, se vê que nada permaneceu e que nada se foi: tudo existe sempre, de modo muito real, dentro do Todo.

* * *

Nas nuanças delicadas desse episódio da vida da alma de Hércules, percebe-se a irrealidade das situações circunscritas ao mundo concreto e quanto é verdadeiro, para a consciência do herói, o que para nós parece irreal.

Fala-se de um silêncio profundo, no princípio da história. É que, agora, começa a haver para Hércules a possibilidade do silêncio interior, que muito lhe valerá.

* * *

Outro detalhe de suma importância foi o de Hércules ter colocado a corça sobre o coração. Como se podem despertar as energias guardadas no coração, símbolo do sentimento superior do indivíduo? Depurar a mente de todos os elementos instintivos, aquietá-la (o que equivale a purificá-la dos aspectos intelectuais comuns), e pô-la em ordem – assim, não mais deixando que pensamentos vagos se sucedam, desordenados, o centro cardíaco, ou da percepção superior, começa a desenvolver-se.

Mas esse não é um trabalho feito só em nível de mente. O "coração" torna-se ativo quando o indivíduo é também coerente nas suas ações, ou seja, quando as pratica indepen-

[1] O conjunto de partículas existentes no planeta constitui uma totalidade que é denominada "reservatório geral de átomos", do qual é retirado o material para compor os corpos dos seres que evoluem neste planeta.

dentemente das solicitações, ou das influências externas. As vozes de Artemísia e de Diana acompanham todos nós, no decorrer da nossa vida. Qualquer instabilidade ou vacilação durante uma ação que esteja sendo conduzida pela parte mais consciente do indivíduo representa uma queda no processo de crescimento. Executada tal ação incorreta ou inexatamente, a seguinte deve ser empreendida sempre em ordem, de forma inabalável, a fim de equilibrar a anterior. Educa-se, desse modo, a perseverança. Hércules, "por um ano", isto é, por um ciclo inteiro, sobe e desce colinas, procurando a corça pelas florestas, persistentemente, sem jamais se desviar do objetivo proposto. Todos os obstáculos, sejam os apelos de Artemísia ou os argumentos de Diana, são recebidos como estímulos e não o tiram do seu propósito.

Paciência infinita e não crítica são, neste Trabalho, fundamentais. Vence, no final, a equanimidade do homem que não perde o sorriso mesmo diante de fatos aparentemente tristes. Sim, deve-se sorrir durante a busca dessa corça, mesmo que advenham circunstâncias desanimadoras.

A MORTE DO LEÃO DE NEMEIA

Este quinto Trabalho simboliza um momento fundamental na caminhada de todos os indivíduos: o domínio da personalidade. Somente a partir dessa conquista é que o homem consegue ser realmente útil ao mundo e à humanidade. Antes de ser iluminada pela alma, a personalidade prossegue agindo por conta própria e produz mais distúrbios do que equilíbrio. O homem nela polarizado não conhece o Plano Evolutivo nem tampouco o papel que lhe cabe desempenhar dentro dele; ou seja, nada sabe do trabalho verdadeiramente criativo que tem a fazer. Mesmo com boa vontade, boa disposição e boa intenção, erra mais do que ajuda, destrói mais do que constrói.

Quando dão início ao trabalho de alinhamento da personalidade com a alma, os aspirantes ainda não estão completamente esquecidos de si e entregues às energias superiores. Esse processo evolui a partir do momento em que a alma não tem mais sede de experiências no mundo; estando nele, inicia-se, então, um ciclo em que ela vive muitos conflitos. Enquanto a forma atrai por demais a alma, o trabalho de purificação e de transformação pode ocorrer, porém de modo limitado. Na verdade, ele só ganha um ritmo acelerado e a luz dos níveis superiores do ser chega com mais rapidez ao eu consciente, a partir do momento em que tem início o trabalho efetivo de domar a personalidade.

Se não experiencia uma transformação definitiva, conduzida pela alma, a personalidade torna-se devastadora

quando consegue que seus corpos estejam alinhados entre si. O mental, o emocional e o físico, juntos, somam grande força, e podemos ter então um indivíduo destrutivo, se ainda não guiado pela alma. Portanto, uma personalidade cujos corpos estejam bem coordenados, mas não iluminados pela alma, pode ser muito mais destrutiva do que se estivesse descoordenada. Eis por que, à medida que se constrói a ligação entre os próprios corpos, buscando-se integrá-los, deve-se trabalhar principalmente o aperfeiçoamento do caráter, a purificação e o controle dos vícios.

Por vícios entendemos forças da Terra mal canalizadas, ou seja, deslocadas e fora de lugar, mas que encontram guarida nos indivíduos que não despertaram para seu real destino. O homem comum vive praticamente em meio a essas forças, sem o perceber, porque esse convívio é, nessa fase, o seu estado normal. Quando decide assumir a tarefa de cooperar conscientemente com a evolução, e não mais caminhar no ritmo natural, percebe claramente a situação viciosa e desarmônica em que vive.

O momento em que o indivíduo decide transcender definitivamente as forças terrestres, representadas pela sua própria personalidade, é simbolizado, no mito em estudo, pelo episódio em que Hércules assume a tarefa de matar o leão de Nemeia, que narramos a seguir.

* * *

Em um Conselho de Grandes Seres, no qual está presente o Instrutor de Hércules, é mostrado o Plano que diz respeito a todos os filhos de Deus. Enquanto o guerreiro descansa de suas tarefas, todos os seus pensamentos são observados. É que se inicia agora uma importante fase de sua evolução, fase esta muito trabalhosa e árdua, para a qual

Hércules deve ser preparado. Segundo os Grandes Seres, um teste muito difícil se aproxima. Quem se sai bem nele torna-se verdadeiramente útil à humanidade e, por essa razão, o Conselho está reunido. O acontecimento tem consequências importantes para um grande grupo.

O herói, sentindo-se corajoso e forte, não imagina que experiências o esperam. Seu potencial de serviço foi aumentado pelo fato de a corça, agora, atender aos seus chamados, sempre que necessário. Com certa facilidade, pusera ele o animalzinho perto do seu coração e o conduzira ao interior do templo repetidas vezes. Com isso, Hércules pode descansar tranquilamente, o que não ocorre com os homens que não passaram pela experiência da captura da própria corça.

Ei-lo, então, diante do quinto portal, sob o olhar dos Seres que o observam. Vendo-se coberto de troféus e armas que recebera pelos trabalhos anteriores (mesmo sem almejá-los), pergunta a si próprio: "Para que todas essas armas?" Nenhuma resposta, interna ou externa, lhe vem. Aguarda um pouco. De repente, tudo fica claro: do povo de Nemeia, além do quinto portal, chega-lhe um clamor de profunda angústia. Como Hércules se tornara famoso e sua força conhecida, a população pede-lhe que mate o leão devastador de terras e de vidas que ameaça o local. "Vá e domine o leão", diz-lhe o Instrutor.

Os habitantes da cidade devastada pela fera vivem escondidos, fechados atrás das portas, quase sem sair das casas. Estão paralisados os trabalhos nos campos, não se ara mais a terra, nem se semeia. O medo predomina. É grave a situação e o Conselho dos Grandes Seres observa. Durante a noite, o rugido ameaçador do leão não dá tréguas, e, por isso, nem no sono os homens têm paz.

Hércules assume a tarefa, deixando, no entanto, atrás de si todas as armas e troféus. Leva apenas um instrumento que ele fabricara com as próprias mãos. Compreende que as armas, naquele caso, só o sobrecarregariam, retardando, assim, os seus passos. Ele pressente que o leão não será conquistado com elas, mas com algo mais direto e potente.

Começa, pois, a sua busca. Assustadas, as pessoas confiam pouco, porque veem o guerreiro partir sem armas, praticamente indefeso, no seu entender.

As informações sobre o paradeiro do leão são desencontradas. Uns o viram na montanha, outros no vale. Sorrateiro, traiçoeiro, o animal surge em diferentes caminhos e em variadas situações. Todos sabem que ele tem um covil e, assim, o guerreiro parte para lá.

Sucedem-se dias e noites, até que Hércules, finalmente, se defronta com a fera. O animal urra, furioso. As árvores são sacudidas por tão pesada vibração. O herói decide, então, apanhar um arco e flecha e atira, atingindo o ombro da fera. Apesar de chegar direto ao alvo, a flecha cai no chão, tão dura é a carne do animal. São usadas todas as flechas disponíveis, sem que nenhuma delas consiga ferir realmente o leão, postado ali, bloqueando a passagem do herói. Intocada, fremente de raiva e desprovida de medo, a fera vem na direção de Hércules, que, atirando o arco ao chão, se arremessa contra ela com gritos bravios. O herói avança e, diante disso, o animal recua e foge. Entrando numa moita ali por perto, desaparece por algum tempo.

Silencioso, Hércules recomeça a procurá-lo e, pacientemente, prossegue em sua corajosa empresa. De repente, vê-se diante de uma caverna de onde ouve sair um terrível rugido, que lhe parece dizer "Ou você fica aí fora, ou vai

perder a vida". O herói, entretanto, não se deixa amedrontar e entra na caverna escura. Passo a passo, atravessa toda a sua extensão. Nada. Ali dentro, não vê leão algum. "Que mistério é esse?", pergunta-se Hércules. Dá-se conta, a seguir, de que ali há duas aberturas e que, enquanto ele entra por uma delas, o leão sai por outra. Como apanhar, então, o animal? Auxiliado por uma tênue luz situada na saída da caverna, Hércules descobre pilhas de madeiras e varas em quantidade suficiente para fechar uma das entradas. Rapidamente, ele intercepta a dos fundos e fica diante da outra, não deixando o leão sair. Furioso, o animal urra. De modo inesperado, Hércules salta para junto dele e agarra-o firme pela garganta. Olhando-o bem nos olhos, consegue transmitir-lhe sua decisão de não soltá-lo. Mantém-se pois ali, sem tirar as mãos do pescoço do animal e, apertando-o, vê que o inimigo começa a perder as forças. Os urros vão-se tornando cada vez mais baixos. Enquanto o leão se afunda em sua fraqueza, Hércules mantém-se firme, segurando-o, sufocando-o. E assim o mata, sem armas, valendo-se apenas das mãos e de sua própria força.

Retira a pele do animal morto e mostra-a ao povo de Nemeia, que agora pode voltar a cultivar as terras e a viver em paz. Com uma alegria contagiante, as pessoas gritam o nome de Hércules, aclamando-o seu salvador.

O guerreiro segue adiante, apresentando-se ao Instrutor logo após cumprida a tarefa e coloca-lhe aos pés a pele do leão. "O povo não tem mais medo, está livre." O Instrutor, considerando-o vencedor, olha-o bem nos olhos: "Saiba, porém, que os leões devem ser mortos várias vezes". Relata, então, o feito de Hércules ao grande Ser que preside ao Conselho, que desta vez o espera bem no centro da sala secreta. Ali, ouve-se uma voz que diz: "Eu sei".

* * *

Vejamos o que essa façanha tem a dizer-nos. A caverna de duas entradas representa a parte que, no corpo físico, é conhecida como glândula pituitária, localizada dentro da cabeça, entre as sobrancelhas. É ela que coordena todas as demais glândulas, que controla o crescimento, sendo essencial à existência do homem. A vida mental e a vida emocional dependem dessa glândula, que tem dois lóbulos: o frontal, que cuida da mente, que favorece o raciocínio, a intelectualidade; e o posterior, que cuida da emotividade e favorece a natureza imaginativa. Tem ela, portanto, uma função dual.

Essa glândula é de importância vital na coordenação da personalidade, pois, como vimos, o leão escapa por uma abertura (um dos lóbulos da caverna), enquanto o guerreiro entra pela outra. Hércules, fechando a passagem dos fundos, bloqueia, simbolicamente, o surgimento de fortes emoções. Trata-se de terminar com o desgaste produzido pelo envolvimento emocional que o homem tem com aquilo que o cerca. Muito já se estudou e muito já se sabe sobre esse processo: o desidentificar-se dos corpos da personalidade é dos caminhos mais seguros para se atingir tal realização. O indivíduo, durante qualquer reação emocional que experimente, deve perguntar-se quem, realmente, está reagindo. Indagando isso a si próprio, muitas e muitas vezes, ele descobre que, se está perguntando, é porque existe, dentro de si, alguém que, sendo uma parte mais profunda do próprio ser, observa o emocional reagir. Com o tempo, ele se torna mais ligado a esse observador do que à parte que reage e, a partir daí, começa a libertar-se dos envolvimentos.

Ocorre que, se ele tem condições de "ver" suas reações, só lhe resta escolher: ficar do lado daquele que "vê", ou ficar

do lado da parte que reage. Conforme a opção, começa a ser criado e fortalecido o observador dentro da personalidade; a partir daí, as forças que mantinham os envolvimentos vão-se dispersando, porque não estão mais sendo vitalizadas por sua identificação com elas.

Nas antigas modalidades de trabalho psicológico destinadas à coordenação da personalidade, usava-se analisar as reações emotivas, instintivas e intelectuais, buscando-se suas causas no passado do indivíduo. Tal técnica podia ser parcialmente efetiva, mas no caminho atual, mais direto, podemos desidentificar-nos da parte reativa e tumultuada e corroborar esse observador juntamente com as qualidades opostas às que estão em movimento caótico naquele momento – isso é efetivo e transformador.

No mito, a essa altura da vida da alma de Hércules, ele não só está sendo observado pela Hierarquia de Seres que preside ao planeta e inspira os homens, como também está consciente de sua existência. Mesmo que ainda participe do jogo das forças humanas, sua alma, já desperta, está integrada em propósitos maiores. Por isso leva, até os pés do seu Instrutor, "a pele do leão".

Considerando-se o gênero humano como um todo, apenas uma minoria de almas já "matou o leão na caverna". Essa é, portanto, uma experiência desconhecida para a maioria de nós, habituados que estamos a contemporizar com o animal, ou a fugir dos seus rugidos. Muitos, porém, estão sob testes preparatórios para que, num futuro próximo, exerçam esse domínio; e quase todos estão conscientes de que, sem uma transformação radical, o serviço ao Plano Evolutivo não pode ser plenamente praticado.

Como já dissemos, o mito dos Doze Trabalhos de Hércules representa a caminhada do homem através de estágios

evolutivos. Podemos afirmar, de modo generalizado, que até aqui os aspirantes espirituais se posicionam em três diferentes graus. No primeiro grau, eles são observados de longe pela Hierarquia, chamada aqui de Conselho. Tal é o ponto em que se encontrava Hércules no início dos Trabalhos.

O segundo grau concerne aos indivíduos que despertaram para uma vida superior, que já são atraídos pela Hierarquia e, receptivos às indicações que dela provêm, começaram a ser úteis, como vimos em quase todas estas narrativas.

O terceiro grau é o dos que, apesar de se identificarem ainda com o mundo das forças cegas ou involutivas, se encontram nessa situação apenas como personalidades humanas – na verdade, como almas estão já integrados numa consciência bem mais ampla e livre. É o grau evolutivo de Hércules diante do leão de Nemeia.

Segundo vemos, neste mesmo grau encontram-se hoje milhões de indivíduos, que tentam matar o "leão". À medida que se voltem para a vida impessoal e que sirvam desinteressadamente, irão tomando consciência da sua verdadeira situação interior de aproximação à Hierarquia que colabora com o aperfeiçoamento da Terra.

APODERANDO-SE DO CINTO DA UNIÃO

Sabe-se que, nos primórdios da Terra, a humanidade escolheu o caminho da reprodução sexuada, o que desencadeou uma grande dispersão da energia criativa, pois o homem, ainda primitivo, passou a usá-la como meio de obter prazer ou como instrumento de posse em relação a seu par. Isso levou à promiscuidade quase generalizada, a ponto de a humanidade, como reino, correr o risco de desaparecer da face do planeta.

Naquele momento decisivo, seres evoluídos vieram de diversas partes do Sistema Solar e também de outros pontos da galáxia, para viver na aura terrestre e para influir positivamente sobre ela. Entre esses seres, alguns chegaram a tomar forma física, vivendo assim nos níveis em que os homens eram conscientes. Alguns procriaram, possibilitando novas condições para a raça humana da época e promovendo-lhe a revitalização. Fundaram-se, então, não só as chamadas dinastias no plano físico, como também uma Hierarquia nos níveis mais sutis de consciência, Hierarquia esta que irradiou a própria vibração interna para todos os seres terrestres. Assim, os homens puderam reencontrar-se o suficiente para mudar a situação por eles engendrada. Com o passar dos tempos e com a experiência das várias raças e povos sobre a Terra, conseguiu-se mais clareza acerca do uso dessa energia, além de certo controle sobre ela. Assim, os homens foram cooperando com a evolução superior, e essa Hierarquia de seres mais adiantados, que inspiram e

transmitem ao mundo uma visão ampla e cósmica, passou a compor-se também de seres da Terra, como nós.

Hércules, elemento de nosso planeta, foi notado pela Hierarquia, concordou em participar ativamente do próprio processo evolutivo e, consequentemente, passou a ser útil a tarefas universais e de proporções maiores – enfim, passou a realizar sua parcela no Plano Evolutivo.

A Hierarquia, desde o princípio, estimulou os homens terrestres a conduzirem corretamente a energia criativa, quando localizada e ativa no baixo-diafragma, isto é, quando expressa sob a forma de energia sexual reprodutora. Quem concorda em colaborar ativamente com o Plano Evolutivo logo é provado em termos do correto uso dessa energia. Hércules defronta-se, agora, com uma aventura diferente e especialmente forte, embora no Trabalho do touro da ilha sagrada ele já tenha lidado com esse tipo de energia, dominando-a, até certo ponto.

Após a experiência marcante com o leão de Nemeia, Hércules está mais seguro de si, e o grande Ser do Conselho Secreto aprova sua nova incursão nos fatos da vida. Este grande Ser é um dos membros da Hierarquia, o qual, como tantos, vela constantemente pela evolução dos universos.

* * *

Diz-nos o mito que, numa região litorânea, existe uma rainha que lidera bravas guerreiras. Nenhum homem habita aquele insólito reino. As mulheres oferecem, diariamente, sacrifícios ao seu Deus[1], a quem erigiram um grande templo. Como seres do sexo masculino não entram naquele reino,

[1] Os membros da Hierarquia recebem, dentre outras designações, o nome de "deuses".

uma vez por ano as guerreiras vão à aldeia vizinha, onde há homens, para se fecundarem.

Certa vez, depois de voltarem de tal aldeia, a rainha lhes anuncia uma visita inusitada: Hércules está vindo. Dos degraus do altar, conta ela às guerreiras que, em obediência a uma ordem de Deus, deverá entregar ao herói o cinto simbólico que ela costumava usar. "Devemos mesmo cumprir a ordem e entregar o cinto, ou não?", pergunta ela, em tom firme, às guerreiras.

Enquanto estas refletem sobre a resposta a ser dada à rainha, Hércules chega, antes da hora combinada, sem que elas, juntas, pudessem manifestar-se. Buscando o precioso cinto, vai direto à rainha e com ela empreende uma luta. O debate impede que Hércules escute as palavras gentis que a rainha tenta transmitir-lhe. Ele acaba puxando com violência o cinto, supondo que ela se estivesse negando a entregar-lho. Só depois é que descobre que, na verdade, ela já estava vindo ao seu encontro para fazê-lo. Tarde demais! Tamanha foi a violência ao arrancar o cinto, que Hércules provoca a morte da governante guerreira.

Um pouco sem jeito, o herói apanha o cinto e, sem dizer palavra, toma o caminho de volta. Atrás de si ficam as guerreiras, pesarosas por terem perdido sua rainha. Agora, sem a direção que sempre tiveram, vão sentir falta do amor que ela lhes dedicava.

* * *

Na verdade, o cinto simboliza aqui a unidade e o amor. Paradoxalmente, Hércules sacrifica justamente aquela que vem oferecer-lhe o que está buscando. Essa é uma situação desconcertante, que, no entanto, costuma acontecer na vida

de todos nós, ainda que envolvendo fatos e graus diferentes para cada um. "Por que se mata o que está próximo e é querido? Por que se mata o que é tão necessário?" Essas perguntas são feitas a Hércules, subjetivamente, pelo seu Instrutor. "Por que você mata aquilo que ama?", pergunta-lhe este. Não há resposta. Parece que Hércules não compreende, ainda, certo sentido da vida. Com isso, a tarefa, neste ponto do seu desenvolvimento, é considerada um fracasso. Então, é pedido a ele que se redima do fato, sob pena de não mais voltar a ouvir seu Instrutor.

Com essas palavras ressoando em seu ouvido interno, Hércules caminha pelo litoral. Cabeça baixa, passos lentos, o tempo parece não passar. Esse é um daqueles momentos nos quais o indivíduo se sente numa espécie de limbo. Ao aproximar-se de uma escarpa, o herói vê um monstro, vindo das profundezas, que traz presa em sua enorme boca uma jovem que se debate, sem poder soltar-se. Ele pode ouvir os seus gritos de dor e os seus pedidos de socorro. Esquecendo-se de si mesmo e do arrependimento que lhe corrói o peito, rapidamente caminha para junto do monstro, tentando alcançar-lhe a boca. Contudo, a jovem é engolida pelo animal, resvalando pela sua garganta alongada, que mais parece uma caverna sem fim. O herói não hesita: penetra na boca do monstro e desce por sua garganta estreita. Chegando ao ventre, encontra a jovem ainda viva.

Com um braço, segura-a bem junto de si e, com o outro, abre a barriga do monstro, usando de uma espada. Desse modo, ambos retornam à luz do dia: a moça está salva.

Nesse momento, para surpresa de Hércules, a voz do Instrutor faz-se ouvir novamente, pois com essa façanha ele equilibra sua ação anterior em que eliminara a rainha das guerreiras.

Tudo isso nos mostra que cada um de nossos atos se reflete até os confins do universo, movendo vibrações em todos os níveis de consciência. A prática de atos contrários à desarmonia equilibra uma ação anterior não harmônica. No caso em questão, Hércules matara quem o recebera bem. Agora, salva alguém que precisava de liberdade.

Amadurecido para compreender melhor os caminhos da vida e da morte, que no fundo são um só apesar de terem nomes diferentes, o herói pode agora descansar em paz por certo tempo.

* * *

No segundo Trabalho, foi-nos dado refletir acerca da energia sexual, quando mostramos a necessidade de domínio do desejo primordial com vistas a conduzi-la a um nível de expressão mais elevado. Como vimos, no entanto, tratava-se de um estágio preparatório. Na verdade, existe um longo trabalho a ser feito quanto a essa energia. Nessa nova etapa, representada pela história do cinto, fica patente o problema do antagonismo entre os sexos, considerados os níveis físico e psicológico dos indivíduos. Tal antagonismo, que humanamente se apresenta como uma incompreensão quanto ao verdadeiro papel do sexo, é baseado na ignorância, tão arraigada na natureza humana. Neste caso, Hércules mata a rainha automaticamente, sem dar-se conta do que está fazendo. Trata-se, pois, de algo inconsciente, a ser trabalhado tanto no presente quanto no futuro. O que se faz de positivo hoje nesse sentido é mera preparação mental, apoiada na aspiração do eu superior em transcender o nível denso dessa energia e resolver o problema da fusão das suas polaridades.

As partes mais elevadas da consciência do indivíduo vêm ao encontro das demais, fazendo-se sentir por meio de provas específicas (no caso de Hércules, a de matar a quem mais ama, para depois reconhecer esse acontecimento como algo a ser definitivamente redimido e superado). Nessa fase do processo da alma do herói, o eu consciente é colocado de modo bem claro diante do antagonismo e, assim, sente o impacto da separatividade básica a ser resolvida, a partir do plano físico. Isso será feito, porém, com a ajuda das energias mais elevadas do ser, para as quais tal problema não é tão agudo.

* * *

Tanto a eletricidade que conhecemos no plano físico quanto a eletricidade cósmica que faz parte da nossa mais profunda essência se apresentam em duas polaridades: a positiva e a negativa, ou masculina e feminina. Trata-se, contudo, da mesma eletricidade, manifestando-se em diferentes níveis de consciência.

No nível do espírito[2], o processo de união pelo qual as polaridades passam é praticamente incompreensível para a mente humana. Já no nível da alma, do eu superior do homem, essa fusão em parte é conseguida quando ele começa a contemplar, isto é, quando se volta para o seu próprio centro (o espírito ou a mônada). Nesse movimento, é ajudado por seres mais evoluídos que já resolveram tal dicotomia em si mesmos. Finalmente, em nível de personalidade, as polaridades opostas são ainda bem definidas e visíveis, a partir

[2] O espírito, ou mônada, é um núcleo de consciência localizado em níveis ainda mais profundos que a alma. Assim como no centro da consciência externa existe a luz da alma a guiá-la, no centro da alma encontra-se a luz do espírito.

dos próprios órgãos genitais do corpo físico feminino (negativa) e do masculino (positiva).

* * *

Este sexto Trabalho de Hércules sugere também que reflitamos sobre o que é, verdadeiramente, a maternidade. Como já dissemos, o antagonismo entre as polaridades existe por desconhecermos o real significado de um estado pelo qual homens e mulheres, indistintamente, passam: a gestação, no íntimo do ser, da realidade espiritual interna, até então oculta. Quando esta se torna finalmente consciente e manifestada, eis aí nosso verdadeiro nascimento; tudo o que antes ocorreu em nossa vida nada mais foi do que mera preparação para esse acontecimento. Começamos então a viver, pois passamos a ser úteis ao Plano Evolutivo. Tal processo de gestação e nascimento não depende do tipo de corpo físico no qual nos encontramos encarnados. O reconhecimento do próprio ser interno que habita mundos sutis é para ser aperfeiçoado continuamente, unificando-se, assim, as polaridades.

Em nossa cultura, é muito forte a associação entre corpo físico e comportamento, o que nos impede de reconhecer, dentro de nós, traços do polo oposto de nossa sexualidade. O trabalho de refletir sobre a própria realidade interior, de concentrar-se silenciosamente, com a mente voltada para o centro da consciência, invoca a universalidade necessária para dispormos das nossas energias de maneira mais completa e sábia, e não só usarmos as que correspondem à polaridade sexual na qual estamos encarnados. Afinal, a nossa grande aventura é o equilíbrio entre o *yin* e o *yang*, ou seja, entre a *anima* e o *animus*, no conceito de psicologia junguiana.

Todos temos traços tipicamente masculinos, tais como: coragem, firmeza, capacidade de decisão, sinceridade, magnanimidade, franqueza, visão ampla do trabalho criativo, chamados de "positivos"; e, do mesmo modo, grosseria, autoritarismo, fanatismo, sujeição aos desejos inferiores, chamados de "negativos". Entre os femininos, temos: suavidade, modéstia, prudência, ternura, escrupulosidade, considerados "positivos"; e covardia, acanhamento, indecisão, falsidade, astúcia, dissimulação, sentimentalismo, tidos como "negativos".

Reconhecer a presença desses aspectos, quer sejam masculinos, quer femininos, é o princípio do trabalho de união. Numa segunda fase, cabe-nos procurar superar os traços "negativos" de ambos os sexos e desenvolver ao máximo os "positivos" de cada um deles. Desde que sejam "positivos", unificam-se, no que for possível, os aspectos masculinos e os femininos no próprio ser, harmonizando-se em sua oposição.

Em todos os tempos, onde quer que se buscasse o aperfeiçoamento do homem, trabalhou-se para alcançar essa harmonia, e foram criados até mandamentos, que os povos antigos aprenderam de cor. Depois de estudadas as características psíquicas e mentais dos seres humanos em nível místico e psicológico, chegou-se a compreendê-los o suficiente para se adquirir certo autocontrole sobre o antagonismo dominante nos níveis externos da personalidade. G. O. Mebes[3], por exemplo, apresenta tais características de forma objetiva, facilitando o trabalho de reorganização dessas vibrações; desse ensinamento retiramos esta síntese, adaptando-a às necessidades deste livro:

[3] Ocultista eslavo que escreveu OS ARCANOS MENORES DO TARÔ, G. O. Mebes, Editora Pensamento.

Características psíquicas

Masculinas	Femininas
Positivas	**Positivas**
• Coragem	• Compaixão
• Capacidade de decisão	• Modéstia
• Caráter direto	• Suavidade
• Firmeza	• Prudência
• Magnanimidade	• Economia
• Sinceridade	• Paciência
• Generosidade	• Sensibilidade
Negativas	**Negativas**
• Dureza de coração	• Timidez
• Cinismo	• Falta de confiança em si
• Grosseria	• Insinceridade, dissimulação
• Impetuosidade	• Inconstância
• Prodigalidade	• Inclinação a devaneios
• Impaciência	• Retraimento
• Primitivismo	• Mesquinharia

Existe uma sequência mais indicada para se fazer esse trabalho. Identifique, inicialmente, as características positivas e negativas do seu sexo físico, analise cada aspecto e observe as reações que você tem perante eles. Você pode fazer isso até mesmo relembrando acontecimentos de sua vida, nos quais esses aspectos em geral surgem. Um bom princípio é não justificar o próprio comportamento, bem como não anotar ter adquirido determinadas qualidades se não se estiver seguro de elas já estarem assimiladas. Ser verídico é imprescindível. Assim, munido de calma e autenticidade, dê início ao trabalho. Se quiser, poderá assinalar, no qua-

dro exposto, os aspectos masculinos e femininos detectáveis em sua personalidade. Com o tempo e com o avanço do autoaperfeiçoamento, poderá ir suprimindo as características negativas que forem sendo transformadas.

A superação de uma característica negativa é feita pelo desenvolvimento da positiva equivalente na polaridade oposta. Não tenha pressa. É preferível trabalhar uma qualidade por vez, e não várias juntas, como explica o ensinamento ocultista. Fortalecendo sempre os aspectos positivos, principalmente os da polaridade oposta ao seu sexo físico, você começará a sentir maior união com o sexo oposto e o antagonismo irá desaparecendo.

Consultando o esquema apresentado anteriormente, verifique se alguma característica está aparentemente ausente do próprio ser; nesse caso, se for positiva, procure invocá-la, treiná-la e desenvolvê-la, mesmo à custa de esforço. Boas oportunidades de trabalho são as provas da vida cotidiana, quando se podem usar aspectos de ambas as polaridades, equilibrando os opostos, na mesma ação. As instruções ocultistas sugerem, nessa etapa, que se dedique um dia da semana a praticar, deliberadamente, algum aspecto que precise ser desenvolvido; um dia é enfocada uma qualidade positiva e masculina, e outro, uma feminina, alternadamente. Esses exercícios devem ser feitos levando-se em conta o fato de não se estar prejudicando outros indivíduos coligados conosco. Praticá-los com atenção, dentro da lei do amor, significa facilitar o processo de aperfeiçoamento geral.

Passemos agora ao quadro seguinte de algumas características mentais, com o qual podemos fazer um estudo semelhante ao anterior.

Características mentais

Masculinas	Femininas
Positivas	**Positivas**
• Lógica • Exatidão • Concisão de expressão • Pensamento filosófico • Avaliação objetiva • Retidão de pensamento	• Intuição • Análise cuidadosa • Criatividade prática • Consciência dos limites do intelecto • Flexibilidade mental • Rapidez de compreensão
Negativas	**Negativas**
• Insensibilidade mental • Deduções sem base • Falta de senso de realidade • Orgulho mental • Afirmações só teóricas • Inflexibilidade mental • Cristalização, formalismo	• Falta de lógica • Contradição e confusão mental • Verbosidade, falta de clareza • Incapacidade de pensamento abstrato • Subjetivismo no pensamento • Retraimento • Astúcia mental

Não é bom insistir em qualquer exercício quando há resistências na personalidade, pois, em se tratando de lidar com polaridades, isso poderia acarretar distúrbios físicos, ou psicológicos. A aspiração e a intenção correta abrem por si mesmas o caminho para a unificação. Entenda-se, no entanto, por intenção correta a disposição de ajudar o próximo, e não de fazer progresso meramente egoísta, visando apenas ao desenvolvimento próprio.

* * *

Conforme mencionamos, o cinto, na história de Hércules que também é a nossa, é símbolo da união das duas polaridades, a masculina e a feminina. Tanto o comportamento da rainha como o das guerreiras e o de Hércules revelam pontos de crise diante da energia amorosa e manifestam atitudes a serem mudadas na mentalidade corrente. Vejamos, então, esse assunto.

A rainha, ao dispor-se a entregar o cinto, não o faz espontaneamente, movida por uma decisão interna, própria, mas sim porque recebeu uma ordem para isso. Ela obedece, o que já é uma boa qualidade, a essa altura do processo evolutivo. Todavia, quando estamos dentro da pura energia, não mais obedecemos, ou tampouco seguimos alguma sugestão; ao contrário, somos o próprio amor, porque já nos tornamos inclusivos. Devido à sua limitação, a rainha, simbolicamente, morre, deixando as guerreiras sem liderança.

Observe-se que aquelas mulheres vivem numa comunidade à parte, indo regularmente à aldeia dos homens com a finalidade de serem fecundadas. Fazem isso por uma razão utilitária. Esse é o comportamento que normalmente temos diante do amor. Na realidade, o amor não tem utilidade nem explicações mas é, em si, o seu próprio motivo. Nesse episódio, há o interesse de reprodução da espécie. Isso explica o fato de as guerreiras passarem por uma situação causada por alguém do sexo oposto (no caso, Hércules): a morte de sua governante.

E o herói? Que atitude sua precisa ser revista, a fim de estar preparado para fases posteriores da vida de sua alma? Matando sem necessidade, também ele não pode compreender profundamente sua própria tarefa diante do sexo. Essa forma ainda inconsciente de agir é para ser subordinada à vontade e à sabedoria daquilo que deve nascer em nós: a nos-

sa realidade interna. Mas, se o homem se julga um forte, um corajoso, um impulsivo, e não se equilibra com as qualidades femininas que também tem ocultas dentro de si, o resultado é a ação instintiva e subconsciente, contrária ao nível de clareza que ele já atingiu em sua evolução.

* * *

O dualismo entre ações atuais e ações retrógradas não será resolvido totalmente nesta fase de desenvolvimento do ser humano. Entretanto, ele entrará numa etapa mais elevada, à medida que for trabalhando, em nível consciente, o equilíbrio das características masculinas e femininas em si próprio.

* * *

Por sua vez, as diferentes galáxias representam polos de eletricidade cósmica, havendo, portanto, polaridades a serem unidas até mesmo entre elas. Sua meta reflete-se nos sistemas solares, nos planetas e em todos os corpos que as compõem. No homem, a necessidade de complementação está muito evidenciada, aparecendo, contudo, como antagonismo — ele ainda não tem condições, em nível consciente, de realizá-la. Quando um indivíduo crê que outro do sexo físico oposto pode completá-lo e chega ao ato sexual no plano físico, buscando a união, sem se lembrar de equilibrar as próprias polaridades, passa por uma série de experiências decepcionantes e, assim, contribui para a perpetuação desse antagonismo multimilenar.

Já nos níveis de existência onde nossa alma habita, a diferença de polaridades não é percebida como antagonismo. Enquanto, como personalidade, buscamos a complemen-

tação em outro indivíduo (nosso polo oposto), como alma, buscamos a nossa realidade mais profunda, onde a totalidade é conhecida e não mais são necessárias complementações. Nesse nível, portanto, vai-se ao encontro da essência, que tem, incluído, o aspecto oposto àquele que está mais evidente. Assim, uma alma não busca outra alma, como alguns pensam, mas o próprio centro, onde encontra a presença de todas as outras almas.

* * *

Este sexto Trabalho oferece-nos, também, importante esclarecimento sobre o processo de equilíbrio cármico. Clareando pontos cármicos que estejam obscuros, abrandamos o antagonismo. Por isso, o Instrutor solicita a Hércules que se redima de ter matado a rainha (isto é, que equilibre sua ação anterior), sob pena de ele perder a sua orientação. Isso foi feito quando o herói salvou uma jovem de ser engolida por um monstro marinho. Executando uma ação oposta à que acabara de praticar (a de matar a rainha), ele tem seu destino redimido. À medida que o carma é equilibrado em cada ser, as polaridades também se equilibram, inexplicavelmente.

Convém ressaltar aqui que a maior parte dos nossos relacionamentos que terminam em práticas de caráter sexual no plano físico decorre de ligações feitas no passado, muitas vezes em épocas bem mais distantes do que imaginamos. Quando elas ressurgem, temos a oportunidade de equilibrar os atos passados, por meio do carma da retribuição, da lei de causa e efeito. Contudo, o que ocorre mais comumente é interpretarmos a atração que sentimos como possibilidade de satisfação de nossos desejos. Como estes, em si, não têm fim,

a entrega à busca da união por meio do sexo no plano físico acarreta novas ligações, novos compromissos cármicos, novos desequilíbrios a serem reajustados num futuro próximo ou remoto. Isso ocorre principalmente no caso de relações sexuais alimentadas pelo desejo, pelo sentimento de posse e pelo excesso de dependência.

A resolução positiva desse problema da união das polaridades e do correto uso da energia criativa dentro de cada indivíduo tem amplas repercussões no desenvolvimento planetário. À medida que, no decorrer das próximas etapas, se façam progressos nesse sentido, a função da Terra, dentro do Plano Evolutivo cósmico, vai tornar-se cada vez mais abrangente. Se este planeta tem hoje o papel de destilar tantas impurezas em circulação no Sistema Solar, terá, sem dúvida, em época vindoura, outras tarefas a cumprir.

Assistiremos, no futuro, à consagração da Terra, o que inclui o uso correto dessa energia criativa.

A CAPTURA DO JAVALI

Como se viu até aqui, o desenvolvimento de Hércules é acompanhado pelo grande Ser que preside aos valores internos dos homens. Responsável por seguir o crescimento de grande número de almas, no nível em que vive e em que tem sua consciência, esse Ser reflete sobre o que é necessário para o herói nesse período de sua vida sobre a Terra, a fim de que ele possa realizar-se como indivíduo espiritualmente consciente. O grande Ser percebe, então, que Hércules precisa vencer uma prova que evoque seu equilíbrio e discernimento. Assim, nova tarefa o espera: a de capturar um javali devastador de terras.

Antes da partida, Hércules é aconselhado pelo seu Instrutor interno a alimentar-se bem, pois a prova que iria enfrentar incluía a busca de equilíbrio, que deve ter início no plano físico. A tarefa previa também um teste concernente à amizade e à coragem, o que exigiria dele o uso do discernimento. Vejamos como tudo isso se dá.

* * *

Pronto para partir, o guerreiro recebe um arco de presente, mas, como não tenciona matar, abandona essa arma e vai-se de mãos vazias. Sobe, então, pela montanha, em busca do javali. Por todas as partes ele pode perceber o temor do povo, assustado pela presença da fera na região. Sem se deixar envolver, Hércules avança em sua caminhada. Um pouco adiante encontra um centauro com o qual se detém

para conversar. Fascinado, acaba esquecendo-se de sua meta principal. Em meio ao animado diálogo, o centauro convida-o a beber do vinho de um barril ali disponível, que pertencia ao grupo dos centauros e era destinado às suas comemorações.

Movidos pelo entusiasmo do feliz encontro, Hércules e o centauro abrem o barril e convidam um segundo centauro que acabara de chegar para beber com eles, formando, assim, um triângulo muito alegre e criando ali uma pequena festa. Em sua celebração, os três fazem tanto barulho que são ouvidos a distância pelos outros centauros, que se aproximam furiosos por causa do vinho que estava sendo bebido indevidamente. Trava-se, então, entre eles, uma luta selvagem. Hércules, apesar de disposto a não matar mais ninguém, acaba por assassinar descuidadamente, durante a batalha, os dois amigos com os quais festejara. Quando retoma afinal a busca do javali, deixa para trás todo o grupo de centauros arrasados com o acontecido. Essa cena não lhe é estranha: anteriormente, com a tribo das mulheres guerreiras, ele passara por experiência semelhante.

* * *

É noite. Faz muito frio. O javali continua escondido. Hércules começa a procurar, dentro de si mesmo, uma forma de capturar o feroz animal. Vem-lhe, então, a ideia de preparar-lhe uma armadilha, o que não é difícil para ele, treinado que é em coisas desse gênero. Tudo preparado, ele fica por perto, silencioso e de sobreaviso. Passam-se as horas, até que o faminto javali se aproxima lentamente à procura de alimento, caindo na armadilha e tornando-se prisioneiro de Hércules.

A partir daí, o herói tenta domesticá-lo e ensiná-lo, e o javali, por incrível que pareça, mostra-se dócil. Tanto que, após algum treinamento, Hércules entra com ele na cidade, tendo-o seguro pelas patas traseiras e totalmente dominado. Isso deixa estupefatos todos os que assistem àquela cena incomum. Cantando e dançando após ter cumprido a tarefa, Hércules torna-se herói ainda mais conhecido.

De acordo com o Instrutor, estava realizada a experiência do equilíbrio. Contudo, uma lição permanece suspensa. O grande Ser, que preside ao desenvolvimento interno das criaturas, prevê que o centauro deve ser reencontrado no futuro, para que Hércules compreenda melhor certos fatos. Afinal, ao matar pela segunda vez o que se destinava a ser amado, ele adiara essa aprendizagem.

Enquanto isso, Hércules pode estar alegre e festejar. E é o que ele faz.

* * *

O que se constata aqui é que, até certo ponto da evolução do homem, a tarefa de dominar e transformar o desejo é considerada difícil, pesada e triste, além de preocupante. Depois de determinado momento, quando o ser está habituado a entregar-se à purificação, o trabalho sobre o desejo humano arraigado torna-se peso leve, encarado com jovialidade e alegria. À medida que o homem alinha sua personalidade com as energias do próprio eu interno, usufrui da alegria desse núcleo, que não conhece as penas comuns do emocional e do mental.

Sabe-se que o desejo não pode ser controlado pela força física e, tampouco, apenas pelo pensamento. Eis por que os dois centauros, que representam essas forças, não conse-

guem dominar-se. Fazem a festa fora de hora, e com o vinho que não lhes pertence. E o desejo sempre retorna, se não é tratado por meio de outros processos.

Desta vez, com o javali, Hércules não usa mais a força. Encontra soluções inusitadas, tais como levá-lo pelas pernas traseiras, percebendo logo que grande valor tem o que é considerado incongruente. O povo ri diante do inesperado, e o riso é bom para a humanidade, que normalmente vive contraída.

Ao conduzir o javali pelas patas traseiras, querendo ou não, Hércules agiu como o faz comumente a alma com o desajeitado corpo emotivo do aspirante espiritual, ou com o relutante corpo mental de quem assumiu a própria evolução – o que significa não poder mais retornar ao ritmo da evolução natural, à vida de pessoa comum.

Seguir o javali até o alto da montanha é como elevar e transmutar os próprios desejos. Tomemos, como exemplo, a comida. A princípio, o homem, ainda instintivo, come por gula, e assim passa inúmeras encarnações, até que seu corpo físico dê sinais de cansaço, ou de doenças trazidas pelo excesso de ingestão alimentar e pela má digestão. Em seguida, decorre uma série de vidas nas quais ele se alimenta não mais por gula, mas para manter-se sadio, condição que já aprendeu a valorizar. Depois, num novo ciclo, o homem come para melhorar a vibração do próprio corpo, a fim de usá-lo no serviço da alma que o habita. Ora, essa sequência equivale justamente à escalada da montanha, empreendida por Hércules.

* * *

A mesma escalada dá-se com o sexo no plano físico, como vimos na história do touro da ilha sagrada. Aqui, na sé-

tima etapa dos Trabalhos simbólicos, Hércules eleva o desejo de um modo geral, mas ao vencer a prova está, na verdade, na conquista do equilíbrio.

Ao sugerir-lhe, no início, que se alimentasse, o Instrutor não quis dizer que ele se entregasse à comida e à bebida, desregradamente. Quanto à prova relativa ao sentimento da amizade, o Instrutor não teve a intenção de desviar o guerreiro de sua meta. Quando se afirma que a alegria é uma qualidade da alma, não significa que se deva fazer alarde – o que pode atrair forças involutivas.

Desde o princípio, Hércules tinha a intenção de não matar, de não ser violento. Tanto assim, que deixou para trás as armas de que dispunha; todavia, quando estão presentes as forças do desequilíbrio, a falta de controle predomina e os acontecimentos passam a seguir uma antiga ordem de hábitos. No entanto, o desejo amestrado (simbolizado pelo javali domesticado por Hércules após ter caído na armadilha) está sob nosso controle e obedece-nos, tornando-se cada vez mais maleável.

* * *

Outro aspecto desta história serve-nos de profundo estímulo: de um ponto de vista superior (como o do Ser que preside) e não corriqueiro, os fatos e acontecimentos não têm tanta importância, mas, sim, o crescimento e a ampliação da consciência do homem ao vivenciá-los, e as transformações que faz em si por meio deles. É claro que as intenções positivas nem sempre correspondem às nossas possibilidades reais.

Podemos ter o propósito de não matar, de não nos embriagarmos (não nos iludirmos); porém, se o javali ainda não

foi domesticado, nada podemos garantir. Os Seres que nos presidem sabem de tudo isso, e o que conta para Eles é que não fiquemos estagnados no ponto que já alcançamos, mas que sigamos adiante no processo evolutivo.

* * *

Em tempos passados, quem se sentisse culpado permanecia corroído por isso e, assim, passava até mesmo por estágios de purificação. Hoje, porém, o sentimento de culpa não tem mais razão de ser na vida do homem.

A forma real de se olhar para uma ação passada é encará-la como já efetuada. Em si, ela não pode ser desfeita, pois não é possível, na verdade, voltar atrás. Não se apaga nem se altera um ato já praticado. O que se pode fazer é reconhecê-lo bem claramente, ver-lhe as consequências (até o ponto em que isso pode ser feito) e, em seguida, dispor-se a não mais repeti-lo, se for o caso. Com essa energia, que é o poder de decisão, meio caminho está percorrido na trajetória de se eliminar o sentimento de culpa. O restante vem em seguida: após decidir não mais repetir um ato negativo, a pessoa passa a praticar um oposto. Assim, o universo se reequilibra. Não há culpa, não há erro, mas experiência, que gera um comportamento mais maduro.

Conforme tivemos já a oportunidade de afirmar, seres de evolução superior estão mesclando sua consciência à consciência da Terra, e esta, como planeta, está sendo imbuída de consciência solar. Não há, por enquanto, como comprovar tal afirmativa, apesar de a maioria dos seres terrestres já sentir sua verdade no profundo do próprio ser. Quando os Trabalhos de Hércules foram revelados ao mundo, já continham, nas suas etapas finais, a alegria que prenunciava os

tempos de hoje: agora, o homem ajusta seus padrões vibratórios aos do Espírito Único. Começa a erguer-se, após tanto tempo em que esteve "caído" na culpa.

Eis por que Hércules ri, eis por que todos riem. Não é por irresponsabilidade, mas por saberem internamente que a humanidade se libertou de si mesma em algum nível profundo da consciência e que falta pouco para essa nova realidade se refletir no seu ser físico-psíquico.

ERGUENDO A HIDRA DE LERNA

A oitava tarefa tem como cenário o fétido pântano de Lerna, onde habita uma monstruosa hidra, que todos temos de enfrentar um dia. A hidra possui nove cabeças: três simbolizam os apetites instintivos relacionados com o sexo, o conforto e o dinheiro; outras três, as paixões emocionais do medo, do ódio e do desejo de poder; e as últimas, os vícios da mente ainda não iluminada pela alma: o orgulho, a separatividade e a crueldade.

Uma dessas cabeças é imortal e encerra um segredo que todos devemos, a certa altura, conhecer.

Os métodos comuns de luta são inúteis diante desse monstro, chamado de deplorável, no mito de Hércules. Quando uma cabeça é destruída, surgem outras duas no lugar – situação desencorajadora para qualquer guerreiro que a enfrente.

Hércules espera o momento de partir para a nova tarefa, quando escuta de seu Instrutor interno dizeres sábios: "Quem se ajoelha eleva-se. A conquista é obtida por meio da total rendição de si. É renunciando que se ganha" – todos eles chaves imprescindíveis para enfrentar o pântano que, como uma mancha escura na paisagem, polui com seu odor a atmosfera de uma grande área. O mau cheiro é tal que o herói precisa fazer uma pausa para respirar, antes de penetrar naquela atmosfera fétida.

As areias movediças de que se constitui o pântano são uma ameaça. É preciso muitas vezes recuar os passos, para

não ser tragado por elas. Aqui, essas areias simbolizam a mente do homem, e o pântano fétido, o seu subconsciente. Dentro está a hidra, que mora em uma caverna sempre escura, da qual pouco sai. Quando o faz, é sempre destrutiva e maléfica. O guerreiro mergulha, então, muitas flechas numa espécie de combustível rústico e lança-as sobre ela, que aparece por um momento. Tem-se aí uma chuva de fogo sem resultado outro que excitar mais o monstro de nove cabeças.

Ora, a hidra, cuja origem se perdeu na noite dos tempos, é o concentrado de todo o mal, erros e falhas vividos durante o longo passado do homem desde a sua criação. Quando sua cauda escamosa bate furiosamente sobre as águas do pântano, produz em torno uma chuva de lama. É o que experimenta Hércules: a cada um desses movimentos, fica todo salpicado daquele material malcheiroso. Com vários metros de altura, ali está ela, resultado dos mais imundos pensamentos forjados pela humanidade, desde os seus primórdios. Muito tempo se passa antes que o homem descubra que sempre a alimentou, inconscientemente. Quando isso se dá, cabe-lhe enfrentá-la.

Agora, a hidra avança e procura enroscar-se nos pés de Hércules, a fim de impedi-lo de caminhar. Num desses ataques, tem cortada uma das cabeças, mas em seu lugar surgem mais duas, terrivelmente agressivas. À medida que Hércules enfrenta o monstro, este vai-se tornando cada vez mais forte, demonstrando que não se deixa abalar por nenhuma espécie de golpe. É então que o herói se lembra da voz do Instrutor: "Quem se ajoelha eleva-se. Conquista-se por meio da total rendição de si. É renunciando que se ganha". A primeira frase lhe parece ser o toque inicial. Joga fora então suas armas – que de nada valem nesse tipo de

batalha –, ajoelha-se e, agarrando o monstro com as suas mãos fortes e nuas, ergue-o do chão.

Suspensa no ar e distante do seu apoio terrestre, a hidra perde um pouco de sua força. Hércules insiste naquele estratagema e continua segurando-a acima de si mesmo. A luz do dia e o ar puro provocam um efeito inesperado: a força da hidra, tão grande na escuridão e na lama escorregadia, esvai-se gradativamente. Para isso não é necessário ao guerreiro esforço algum; basta-lhe permanecer ajoelhado, permitindo que os raios do sol e o vento ajam sobre o monstro erguido no ar.

Mesmo assim, arrepiada e ainda mais horrível, a hidra tenta lutar. Hércules, no entanto, mantém-se firme em sua posição. As nove cabeças começam a pender, as bocas engasgadas com o ar não contaminado, os olhos embaçados pela pura luz do Sol. Depois de certo tempo, ei-las sem vida; somente a última cabeça, que é imortal, permanece bem visível, como se enfrentasse o guerreiro. Com seu olhar penetrante, ela parece dizer-lhe que, por mais terrível que seja um acontecimento, ele sempre encerra uma joia de grande valor. É inútil, porém, tentar descobrir o seu significado antes de morta a hidra. Hércules decepa-lhe, então, a cabeça imortal, colocando-a em seguida sob uma grande pedra, onde ela fica, inerte e reluzente.

* * *

A pedra, sob a qual o herói deposita aquela cabeça, representa a vontade persistente de vencer a hidra. Sob a pedra, o pedaço de monstro torna-se uma fonte de poder a ser usado de maneira completamente nova. O Instrutor, recebendo Hércules após a tarefa, considera-o vitorioso, uma vez que

ele acaba de desenvolver em si as qualidades da humildade, da coragem e do discernimento. Ter humildade é ser capaz de colocar-se na posição correta diante de uma situação de vida; ter coragem é decidir não se desviar do que está acontecendo no momento, isto é, não se dispersar em conjecturas e imaginações; possuir discernimento é poder ver o que é para ser feito no presente, sem fantasias sobre o futuro ou evocações sobre o passado. Ressalte-se, no entanto, que a luz dessas três qualidades só pode brilhar quando o homem está concentrado no *aqui-e-agora*.

O mito nos ensina também que não deve haver ansiedade por matar a hidra, pois é a aspiração, e não a luta, a principal arma a ser usada. É a decisão de permanecer com firmeza na posição correta que traz a vitória sobre a mente portadora da semente do verdadeiro poder do homem, que é o de conquistar-se a si mesmo. E é o ar puro, que vem do infinito, somado à decisão clara do homem, que determina a sorte da hidra. Esse ar é necessário para que o bem existente em todas as coisas e em todos os seres finalmente se manifeste. Nada existe (nem mesmo a hidra) que não contenha a essência benéfica da vida cósmica imortal. Portanto, até um monstro de nove cabeças, que vive no fétido pântano do subconsciente do homem, contém a joia da vida eterna.

O indivíduo, quando é lúcido, pode perceber todas as suas reações diante da hidra. Através da aspiração, mantém-se firme na entrega total de si às energias superiores, enquanto a suspende no ar. Renunciando à própria vida, com coragem, ganha vida mais ampla.

* * *

Expor a hidra à luz do dia e ao vento fresco corresponde ao que os antigos instrutores ensinaram: "Ao entrar em

um quarto escuro, não se debata com as trevas". Realmente, de nada valeria mover os braços ou dar pontapés, pois tais movimentos não dissolveriam a escuridão. Para tanto, basta apenas acender uma lâmpada, que a luz surgirá.

É assim, renunciando a combater diretamente a obscuridade, que se lida com o subconsciente. Tal caminho é rápido e infalível. A lâmpada, presente no centro da consciência, é acendida no silêncio interior. Como ela age, que poder oculto tem e onde exatamente está, é impossível saber por antecipação. Silenciando e entregando-se à fé na infalibilidade do processo evolutivo, dissolve-se a escuridão como que por encanto. "É renunciando que se ganha", dizia o Instrutor a Hércules. Na verdade, deixando de usar os métodos conhecidos e tradicionais da mente, podemos entregar-nos ao inédito, abrindo-nos para que as energias superiores ajam dentro e fora de nós.

* * *

O reino da paz está hoje à disposição de quantos se abram para nele entrar. Não é mais algo distante, como nas eras passadas – mas uma realidade já vivida internamente pelos homens, realidade que precisa apenas ser reconhecida. As energias estão aí, à vista de todos, perceptíveis e compreensíveis para os que com elas estiverem sintonizados.

No silêncio, no intervalo entre pensamentos, ou em sonhos, pode-se contatá-las com maior facilidade. Nesses momentos, vem do mundo interior a capacidade de viver a verdade destas palavras: "Quem se ajoelha eleva-se".

Após milênios em que se buscaram realizações meramente humanas, chega-se a compreender também a asserção: "Conquista-se por meio da total rendição de si". Depois

de tanto tempo de competições, confrontos, comparações com outros seres, percebe-se, finalmente, que "é renunciando que se ganha".

Que poder infinito existirá nessas simples afirmativas?

OS PÁSSAROS DEVASTADORES

Os pântanos não terminaram. Agora há outro diante de Hércules, desta vez com sua enorme quantidade de estranhos pássaros que provocam grandes devastações. Expulsá-los parece tarefa impossível, mas, segundo a voz do Instrutor interno, para além da mente uma luz indicará a direção segura.

A terrível presença dos pássaros faz-se notar por seu coro de vozes, que, ameaçador e dissonante, é ouvido por toda parte. Seus bicos de ferro assemelham-se a uma espada; suas penas são como lâminas de aço, e as garras, instrumentos de destruição.

Percebendo que o guerreiro se aproxima, três pássaros atiram-se sobre ele, tentando atacá-lo. Hércules consegue desvencilhar-se e acaba atingindo depois um deles. Surpreendentemente, algumas das pontiagudas penas do pássaro alvejado fixam-se no chão, provocando uma vibração sonora aterradora. Em vista disso, os outros pássaros afastam-se por um tempo, mas Hércules sabe que voltarão.

Ali, diante do pântano, ele procura descobrir um meio de libertar o local de aves tão atemorizantes. Tenta usar flechas. Inútil. Os pássaros são milhares e, quando voam aos bandos, chegam a cobrir o Sol e a escurecer o dia. O herói tem, então, a ideia de colocar armadilhas dentro do pântano, do mesmo modo que fez com o javali. Todavia, quando tenta pisar naquele solo, seus pés afundam-se – é quando constata que uma solução, por ter sido boa no pas-

sado, nem sempre é adequada para o momento presente, que apresenta outras características.

Faz uma pausa. Concentra-se e agora pode lembrar-se das palavras do Instrutor: "Além da mente há uma luz que indicará a direção segura". Consegue, assim, ficar quieto, olhando para além da mente, ainda acostumada aos seus mecanismos dedutivos. Voltando-se para o centro de sua consciência, faz com que a mente olhe a si mesma. Vem-lhe, então, uma ideia nova: toma dois enormes címbalos de bronze, que emitem um som mais estridente do que o dos pássaros, um som sobrenatural do qual não se encontra similar neste mundo. Perturbador e áspero, o som é capaz de penetrar o plano astral, um dos níveis sutis da Terra e dos indivíduos. Para o próprio Hércules, que conhece agora vibrações sonoras mais elevadas, aquele barulho é intolerável. Cobrindo os ouvidos com tampões, ele toca os címbalos.

É hora do pôr do sol. O pântano está denso pela presença de um sem número de pássaros. Hércules faz soar de maneira potente os címbalos, repetidas vezes. Uma dissonância assustadora, nunca ouvida naquela região, confunde as aves, que, desesperadas pelo rumor, confusas pela vibração, escapam depressa para jamais retornar. Já estão distantes, mas os címbalos ainda batem, vigorosamente.

Em seguida o silêncio invade o pântano. Os pássaros horrendos desapareceram. Hércules ouve, então, as palavras do Instrutor que o segue internamente: "Você expulsou os pássaros mortíferos. O Trabalho está concluído".

* * *

Quando assumiu sua primeira tarefa com as éguas devoradoras de homens, vimos que Hércules agiu com base

na sua personalidade e tudo foi malfeito. Agora, diante dos pássaros devastadores, defronta-se com o mesmo problema no plano da mente. Mas já revela controle dos pensamentos e prontidão para captar uma ideia advinda de níveis mais elevados do seu ser. O resultado, como se observa, é outro.

Nesta nova etapa, o som tem um papel proeminente. O Trabalho de Hércules consiste em retirar os pássaros da região do pântano e transformar aquela situação. E ele o faz usando um recurso de caráter sonoro. Vê-se, pois, que esta tarefa está associada ao elemento ar (pássaros e sons). Ora, som e ar podem simbolizar a mente do homem, e esses pássaros, o concentrado de pensamentos e de palavras negativas criado em todas as vidas passadas. Esse conjunto antiquíssimo, fortalecido pelo uso, precisa ser colocado à luz da alma.

Os três pássaros que se destacam dos demais têm um significado especial: o primeiro representa a tagarelice que se pratica inconscientemente durante vidas; o segundo, as informações reveladas aos que não estão prontos ainda para escutá-las; o terceiro, o falar continuamente de si próprio, egoisticamente, para enaltecer-se ou valorizar-se em detrimento de outros. Esses hábitos são destrutivos como os referidos pássaros, sendo a tagarelice, pela perda de energia que acarreta, um homicídio sutil.

Nem todos sabem quão grande é o poder do som e que possibilidades têm as palavras que o homem pronuncia. Forças construtoras da Natureza agem no plano etérico, rede energética sutil que mantém integrado todo o plano físico do planeta, nele construindo tudo o que pertence à realidade do mundo concreto. Mais além, nos planos astral e mental, essas forças também atuam. O que o homem fala perpassa esses níveis e provoca deslocamentos que irão ajudá-las ou

dispersá-las, conforme a vibração do som emitido. Assim, uma palavra humana tanto pode ajudar uma força a evoluir, como pode também matá-la ou impedi-la de alcançar algum núcleo que a mantenha coesa e integrada.

A fala supérflua e a tagarelice não trazem consigo a energia dos níveis internos do homem; ao contrário, são ruídos devastadores, que têm como suporte forças vindas de regiões menos conscientes. Esse tipo de som sai pelo espaço e pelo éter, destruindo ou produzindo caos. Para que a palavra venha acompanhada de um elemento benéfico, construtor e positivo, é preciso que o ser interno do indivíduo a vitalize com a sua presença.

Além do controle e seleção das palavras, o homem vai aprendendo, com o tempo, a inofensividade ao pronunciá-las. O címbalo, nesta história, representa o uso adequado do som, a inofensividade que nada tem a ver com passividade, mas com ação correta, de caráter construtivo. Aquele que afugenta os pássaros é inofensivo, pois está construindo o que eles, assim como são, não permitiriam.

* * *

É necessário, pois, transformarmos e elevarmos a nossa palavra, para que mais tarde possamos ouvir os sons que existem dentro de nós. Conforme se sabe, os homens têm outros sentidos além dos físicos. São sentidos internos (entre os quais a audição interior) que se abrem somente quando o uso da palavra externa chega a ser relativamente controlado. O tempo, o espaço, o som e as vibrações tornam-se, em geral, perceptíveis sob diferentes maneiras e em outros ritmos, à medida que nos interiorizamos, que nos conscientizamos da vida que temos dentro do nosso ser.

A primeira etapa desse processo de transformação e elevação é o autocontrole. Cortando pela metade o número de palavras pronunciadas diariamente, tornamo-nos aptos a refletir antes de falar, pois só assim, evitando o palavreado meramente compulsivo, temos tempo para pensar.

A segunda etapa é a da reflexão. Nela fazemos um belíssimo trabalho em nosso ser, pois chegamos a "ouvir", antecipadamente, o que vamos falar. Selecionamos então a palavra e passamos a construir, inteligentemente, por meio do som.

A partir daí inicia-se uma fase ainda mais importante para o desenvolvimento da consciência, a terceira etapa, em que colaboramos com o clareamento do nosso próprio carma e do carma planetário. Isso é feito à medida que a palavra é controlada e precedida da reflexão, o que nos possibilita interromper uma frase ou modificá-la se, antes de sair pelo espaço e pelo éter, for considerada destrutiva ou supérflua.

No caso de se ter emitido um som fora desse controle, uma reflexão imediata pode recuperá-lo a tempo. A produção posterior de um som de qualidade oposta restaura o equilíbrio dentro do universo das energias.

O reconhecimento dessa realidade é tão importante que talvez seja produtivo para o leitor considerar melhor tudo isso à luz de alguns exemplos práticos. Eu mesmo tive a oportunidade de conhecer um indivíduo que, em sua atividade diária, entrava em contato com muitas pessoas. Certa vez, numa conversa, ele se entregou às forças negativas e passou a falar sobre guerras e doenças epidêmicas além do tempo necessário para a devida elucidação do problema em estudo. Tratando-se, no entanto, de uma pessoa consciente, logo a seguir sentiu-se mal. Percebeu ele, então, que algo deveria ser esclarecido em sua consciência, para reequilíbrio até mesmo do seu plano físico.

Quando, logo depois, seu grupo de trabalho veio estar com ele, foi recebido com uma disposição interna e externa diferente. Dessa vez, ele acentuou os lados positivos das questões e falou o mínimo necessário sobre os negativos. Prosseguindo nessa atitude durante todo o encontro, ele sentiu o reequilíbrio em si próprio e no grupo ali presente e constatou, terminada a reunião, quanto havia sido útil aquela mudança de atitude.

* * *

Ilustrativo também é o caso de um psicanalista que se encontrava em um estado crítico, sem saber como agir. Ele sentia que seu trabalho com os pacientes estava caindo numa terrível rotina e que começava a perder o sentido para ele. Perguntei-lhe se já havia experimentado reduzir pela metade o número de palavras que pronunciava por dia, e ele, inteligentemente, propôs-se a fazer isso. Meses depois, ao vê-lo, percebi que já estava em nova situação. Havia realizado seu intento, falando muito menos. "Corte agora a metade do que você ainda fala e aguarde", eu lhe disse. Assim, ele reduziu a sua expressão verbal à quarta parte do que sempre falou em sua vida.

Seguro de si, restaurado da desvitalização que havia sido produzida pelo hábito normal de falar irrefletida e descontroladamente, ele estava mudado. Até mesmo situações fora de seu âmbito profissional e assuntos de pessoas de sua própria família não mais o levavam a sair de seu equilíbrio.

Sem a seleção da palavra, o indivíduo não pode ter visão clara da meta interna e externa da sua vida. A energia para se caminhar na direção correta vem do fato de se aprimorar esse controle cada vez mais. Tal controle, entretanto, não

pode ser encarado como uma repressão, pois é exercido pelo homem com o fim de descobrir e alcançar sua própria meta. A energia controlada, canalizada imediatamente para esse objetivo, não fica, pois, reprimida; ao contrário, promove ampliações e crescimentos na consciência.

Portanto, é com a meta espiritual antecipadamente eleita que se torna possível autocontrole sem repressão. Assim o homem começará a colaborar com a verdadeira vida, tornando-se cocriador com o Espírito Único.

CÉRBERO MORRE

Depois de tantas tarefas cumpridas, Hércules encontra a sabedoria e a força interiores. Irá agora usá-las para salvar alguém que está em agonia, vítima de um enorme e persistente sofrimento.

Para que o herói esteja seguro do que vai encontrar, o Instrutor toca-lhe a testa, que, após o Trabalho com o leão de Nemeia, se tornou bem mais sensível. Com aquele toque, abrem-se seus olhos internos – o que lhe permite ver uma cena impressionante: um homem prostrado sobre uma pedra, pés e mãos acorrentados, geme de dor, enquanto um abutre lhe bica o fígado. Um fio de sangue esvai-se dele sem parar, caindo a seu lado. O homem pede ajuda, elevando as mãos acorrentadas, mas suas palavras ecoam inutilmente por uma paisagem desolada, deserta.

A visão interna desaparece e Hércules encontra-se, de novo, ao lado do seu guia. O Instrutor lhe diz que aquele ser, Prometeu, tem sofrido assim durante eras inteiras, sem no entanto morrer, pois é imortal. Habita ele as regiões do Inferno, sob o domínio de um senhor muito poderoso. Para ser libertado, é preciso que alguém desça até as profundezas daquele local. "Vá até lá", diz o Instrutor ao herói, "faça o que tem de ser feito e depois volte para os planos externos da vida". O guerreiro aventura-se, então, pelo décimo portal.

* * *

Penetrando cada vez mais para o fundo, ele viaja pelos mundos da forma, como se fosse atingir o subconsciente da Terra, se assim se pode dizer. A atmosfera torna-se sufocante e a escuridão intensa. Entretanto, o guerreiro permanece firme em sua meta, como sempre. Nunca se sentira antes tão decidido. Esta é uma tarefa importante para ele, pois a partir dela estará totalmente a serviço de algo superior à sua compreensão e até mesmo superior às suas possibilidades humanas. Mas o herói conta com a ajuda de sua energia interior.

Em determinado trecho da jornada, ele se defronta com um declive íngreme, longo, à sua frente. Sem medo algum, vai caminhando. Embora pareça estar sozinho naquela façanha, ele sabe que isso não é verdade. Algumas vezes vagueia, embora ciente de que está sendo guiado. Essa é uma nova situação para ele, pois mesmo quando não ouve a voz do Instrutor, sabe que ele está ali, manifestando-se de alguma maneira, seja por meio dos fatos que ocorrem à sua volta, seja pela presença de uma energia cuja proveniência e destino lhe são completamente misteriosos.

Uma prova terrível o espera agora: a de atravessar um rio escuro e envenenado, que representa parte do subconsciente da Terra. As almas desencarnadas devem chegar à outra margem sem saber o que as aguarda. Para tanto, precisam pagar certa quantia, a fim de poderem tomar uma barca que está sempre ali, vigilante. Quando Hércules entra na barca, para atingir a outra margem, nada lhe é cobrado, pois o barqueiro sente-se temeroso diante dele. Assim, o herói entra em Hades, região obscura, onde as sombras ou invólucros dos desencarnados vagueiam.

De imediato, dá-se conta, ali, da presença da Medusa, cuja cabeça, em vez de cabelos, tem serpentes emaranhadas

e sibilantes. Tentando abatê-la, Hércules percebe que a espada que usa nada atinge, golpeando apenas o vazio. A Medusa desaparece. Sim, Hércules está em um nível de existência estranho, até então desconhecido para ele.

Prosseguindo em seu caminho, ele atravessa uma rede de labirintos e chega à corte do rei daquele submundo. Medonho, com um olhar ameaçador, o rei vive sentado em um trono negro. "Que veio buscar no meu reino?", pergunta-lhe a criatura. Hércules responde-lhe que sua missão é libertar Prometeu.

Ora, o caminho até o centro de Hades é vigiado por um cão de três cabeças, nas quais se enroscam monstruosas serpentes. Seu nome é Cérbero. O hediondo rei promete ao guerreiro que, se ele conseguir dominar o cão usando apenas as mãos, sem portar qualquer arma, ser-lhe-á permitido libertar o sofrido Prometeu. Na verdade, ele não acredita na competência de Hércules.

Ainda assim, o herói prossegue e logo encontra o cão de três cabeças. Seu latido é terrível e penetrante. Rosnando, ele corre na direção de Hércules, que, com incrível presteza, dá um salto e, sem que Cérbero tenha tempo de reagir, agarra-o pela garganta de sua cabeça central. Com todas as suas forças, começa a apertá-la firmemente, enquanto o cão se debate, sem conseguir soltar-se. Aos poucos, enfraquecido, deixa-se dominar.

Agora o guerreiro pode seguir adiante. Encontra logo Prometeu deitado sobre a pedra, agonizante. Rompe-lhe rapidamente as correntes, libertando-o do sofrimento.

Cumprida a tarefa, o herói retorna ao reino dos vivos e ali reencontra seu Instrutor. Com o olhar, este lhe diz que uma luz começou a brilhar na escuridão da Terra, e que foi aquele o seu primeiro serviço para um mundo maior. "Repouse agora, meu filho", diz-lhe internamente.

* * *

Em trabalhos anteriores, vimos que Hércules passara pelo seu inferno pessoal, simbolizado pelos diferentes pântanos. Neste, ele ingressa no inferno coletivo. Tendo aprendido a lidar com o próprio subconsciente, tem condições agora de servir em âmbito maior. Essa ampliação de sua capacidade de prestar serviço é uma verdadeira realização, do ponto de vista da alma. Não se pode aprender por "ouvir dizer", mas apenas por meio da vivência.

As três cabeças de Cérbero, guardião do Inferno, simbolizam a sensação, o desejo e as boas intenções. A cabeça central, o desejo, é logo atacada por Hércules, porque é a principal delas, a que motiva e dirige as outras. Todos sabemos que as boas intenções da criatura humana quase nunca correspondem à sua verdadeira necessidade ou à de outrem; elas têm origem no desejo, e por isso permanecem em nível ilusório, como que lutando contra moinhos de vento. Quanto às sensações, sempre deixam a mente ocupada, quando esta deveria estar livre.

As serpentes emaranhadas, ou que se enroscam, representam, aqui, as ilusões que impedem a vida espiritual do homem, a saber, o chamado para o materialismo em seus aspectos de excesso de consumo, luxo, ou apego a objetos, bens, situações ou pessoas – ilusões que levam a energia para os níveis inferiores do ser. Outras são de natureza puramente psíquica, como, por exemplo, o medo, que acaba trazendo a inércia. Se refletirmos sobre Cérbero e Medusa com suas serpentes, encontraremos em nós mesmos pontos a serem transformados.

Um deles é o medo. E o que é o medo? Concretamente, é um resíduo da vida pré-histórica. As condições difíceis que

havia na órbita física e psíquica da Terra em seus primórdios deixaram no subconsciente do homem profundas marcas. Desastres geológicos, lutas com animais gigantescos que normalmente o venciam e o destruíam, condições difíceis de sobrevivência e climas inóspitos imprimiram no ser humano marcas que ele carrega até hoje.

O medo somente será desalojado do planeta à medida que o homem for fazendo a ligação entre a sua consciência pessoal (com seus recursos falíveis) e a sua supraconsciência (com suas possibilidades ilimitadas). Ao construir essa ponte entre a mente racional e a mente superior, o homem vai-se dando conta de sua imortalidade, porque começa a experimentar a vida em outros níveis de existência não mais condicionados pelo nascimento e pela morte física. Experimentando sua própria presença em um plano sutil e interno, o indivíduo percebe que ali nem nasceu nem morrerá. Esses dois fatos, ou estados, não existem em sua supramente.

* * *

A contínua aspiração a conhecer as realidades dos níveis superiores ou suprafísicos do próprio ser, níveis estes que estão além do mental comum e analítico, vai construindo essa ponte, do ponto de vista da personalidade do homem. Por outro lado, havendo tal aspiração, a consciência mais elevada do indivíduo vai respondendo e construindo a mesma ponte a partir da extremidade superior. Um dia os esforços se encontram e a ligação é feita. Esse trabalho é inconsciente e não pode ser controlado pela mente analítica. No nível físico, ele se dá por meio de uma autodisciplina voluntária e oportuna; no nível emocional, é empreendido por meio do desejo de servir, de ser um elo positivo na corrente evolutiva

e, principalmente, de dissolver a possessividade sobre os demais seres e sobre os objetos puramente materiais; no nível mental, o trabalho de construção da ponte é feito automaticamente, quando se mantém a aspiração firme e inalterada, o que só é possível por meio da energia da fé, existente na alma do homem como parte de sua íntima essência[1].

* * *

A partir deste décimo Trabalho, Hércules está decididamente voltado para o altruísmo. Enfrenta o Inferno para libertar a humanidade de si mesma. Passa pelo rio escuro, para perceber que não poderá estar livre enquanto houver uma última alma prisioneira. Com essa consciência, entra no Trabalho seguinte, quando se aprofundará mais ainda nessa universalidade.

Tal ascensão, nos dias de hoje, não é feita por meio de exercícios, como acontecia nos tempos passados. O homem, atualmente, ao segurar a própria hidra à luz do Sol e sob ventos curadores, mantendo a mente firme no ponto mais alto que sua consciência pode atingir, emancipa-se das forças que o mantêm na ignorância e nos domínios do medo e da dúvida.

No Trabalho relativo às maçãs de ouro, pudemos ver que Prometeu também estava presente, simbolizando o próprio eu superior de Hércules acorrentado à matéria. Neste décimo Trabalho, o herói encontra-o novamente, porém em outra etapa de sua história evolutiva: aqui a situação de Prometeu representa a situação de toda a humanidade, que só pode ser libertada por Hércules depois que ele próprio tenha

[1] Vide A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA entre outros livros do mesmo autor, Editora Pensamento.

deixado de ser prisioneiro. Na verdade, à medida que nos libertamos das cadeias que nos prendem e que nos tornamos aptos a ajudar o próximo é que passamos a ser cada vez mais úteis ao Plano Evolutivo.

LIMPANDO ESTÁBULOS

Hércules vive agora uma experiência que determina uma grande e definitiva mudança em sua vida: tendo acendido em si a própria lâmpada por meio do serviço altruísta e do alinhamento com os níveis superiores de sua consciência, ele deverá levar essa luz até os demais seres. Aqueles que acompanham sua evolução estão muito atentos ao seu desenvolvimento, porque é a partir do momento em que essa luz se acende que o homem não tem mais possibilidade de retorno à completa ilusão. De agora em diante, Hércules será cocriador consciente, e não mais poderá voltar atrás em suas intenções interiores.

É, portanto, convocado a ir ao encontro de um "farol", e não mais de uma incerta e pequenina luz. Esse farol, que também está dentro dele, faz parte da mesma luz, mas apresenta muito menos véus. Hércules precisa agora mudar o sentido de seus passos; em vez de prestar tanta atenção a si mesmo, deve voltar as costas ao que construiu e ir ao encontro dos que caminham nas trevas, dos que não acenderam, ainda, a própria lâmpada.

O Instrutor faz-lhe, então, a proposta de dirigir-se ao reino de Áugias, território que precisa ser limpo de um mal ancestral.

Um insuportável mau cheiro começa a se fazer sentir, à medida que Hércules se encaminha para lá. A imensa região onde Áugias é rei simboliza o senso da propriedade, arraigado no homem desde tempos imemoriais.

Esse reino existe há eras, e o seu mau cheiro provém de excrementos acumulados por séculos e séculos. Durante todo esse tempo em que seu gado defecou nos estábulos, jamais houve limpeza alguma. Também os antigos campos, originalmente destinados à agricultura, estão completamente cobertos de dejetos, e nenhuma vegetação é possível ali. Há tanto estrume amontoado nessa imensa propriedade de Áugias, que uma epidemia começa a alastrar-se por todo o reino, dizimando centenas de vidas humanas.

Hércules segue para o palácio do rei. "Sou o dono de tudo", diz-lhe Áugias, logo que o vê diante de si. "Sempre fui o dono, e nestas terras só acontece o que eu permito". O herói não lhe inspira confiança, principalmente porque não lhe está pedindo recompensa alguma pelo trabalho que se propõe realizar.

"Só um incompetente se disporia a limpar os estábulos da minha propriedade sem receber recompensa alguma", afirma. Sem se importar com o que o soberano diz, Hércules, serenamente, insiste em realizar a tarefa.

"Pois bem", diz o rei, "não tenho confiança em quem se diz desprendido. Você deve ter um plano oculto, deve ser um astucioso que visa usurpar meu reino, minhas terras e meus bois. No fundo, o que você quer é ficar com o meu trono. É uma questão de jogo de poder. Mas, enfim, vou fazer uma concessão e permitir que você trabalhe aqui".

O rei nunca ouvira falar de homens que procuram servir ao mundo sem qualquer interesse. Isso para ele, grande proprietário, era uma novidade, mas a necessidade de limpeza era tão grande, que ele disse aceitar a presença de qualquer idiota disposto a empreendê-la.

Faz então um trato com Hércules, porque, segundo ele, "ficaria desmoralizado se não tomasse precaução contra

aventureiro tão excêntrico". Para não ser censurado por seus milhões de súditos e para não ser considerado um rei imbecil, propõe que o guerreiro limpe todos os estábulos num só dia. "Se conseguir fazê-lo, receberá a décima parte do meu imenso rebanho, mas, se falhar, será morto", afirma ele.

O guerreiro aceita.

Deixa o rei com sua descrença e caminha um pouco pelas terras malcheirosas e pestilentas. Carroças passam por ele, carregando pilhas de cadáveres, vítimas da epidemia e da sujeira generalizada. Mais um pouco e o mundo todo estaria envolvido nesse ambiente de morte. É preciso, pois, impedir isso já. Hércules fecha os olhos e procura concentrar-se. Minutos depois, quando os abre, constata que ali por perto há dois rios que correm calmamente. De pé, na margem, ele vê as águas passarem. Vem-lhe então à mente, oriunda dos níveis elevados de sua consciência, uma ideia clara e definitiva: a de desviar o curso dos rios, o que pode ser feito em poucas horas, e deixar que as águas passem pelos estábulos. As torrentes, ao fluírem, carregarão consigo toda a sujeira das fezes acumuladas há séculos.

E assim faz: desvia o curso das águas e fica assistindo à limpeza das terras. Em pouco tempo, o reino é lavado e, num único dia – conforme o trato feito com o rei – a tarefa está pronta. Agora, respira-se outro ar. As terras, desobstruídas, começam a criar vida nova. Hércules, vendo o resultado, volta à presença do rei.

Áugias esbraveja, muito agressivo: "Não foi você que limpou as terras. Impostor que é, você valeu-se de um truque, utilizando as águas dos rios que aqui correm, a fim de dar cumprimento à tarefa que lhe cabia". Completamente irado, por fim, o rei vocifera: "Você armou um complô com tudo isso, para se tornar querido entre meus súditos e rou-

bar-me o trono. Saia daqui o quanto antes, se não quiser que eu lhe corte a cabeça".

Sem nada responder, o guerreiro retira-se. Algo lhe diz que a tarefa está cumprida e que deve prestar contas aos Seres que tudo presidem, e não ao governante daquelas terras. E, assim, volta-se para o seu Instrutor, de quem ouve esta frase: "Agora você se transformou em um ser a serviço do mundo."[1]

* * *

Na verdade, Hércules abrira-se à intuição, ou seja, usara a própria luz para fazer brilhar a luz dos outros. Um dia essa luz resplandecerá em todos, porque Áugias, "rei da propriedade", não tem vida eterna sobre a Terra e as forças retrógradas que ele representa também são provisórias, uma vez que portam a semente da própria destruição.

* * *

Algumas características marcam um ser já evoluído, como o Hércules deste penúltimo Trabalho. O serviço desinteressado é a primeira delas, e é feito quando a consciência não está mais centrada no ego humano, nas suas pseudonecessidades e expectativas. Agora, trabalha-se indo ao encontro das reais necessidades dos outros. Isso, porém, é realizado sem qualquer sentimento de estar perdendo algo em benefício de terceiros. Nenhum pensamento ou sentimento desse gênero passa por Hércules; ele simplesmente serve, sem sentir-se subtraído em nada. Não há esforço algum nessa sua doação.

[1] *THE LABOURS OF HERCULES*, Alice A. Bailey, Lucis Trust, Genebra – Londres - New York, 1974.

A segunda característica do ser a serviço do mundo é a capacidade de trabalhar em grupo. Nesta história, porém, à primeira vista o herói parece executar a tarefa sozinho. O que significa, então, trabalhar em grupo, no ponto evolutivo já alcançado por ele? Esquecido de si mesmo, diante da tarefa em prol da humanidade, concentra-se no centro da própria consciência; assim, fica internamente unido a todos os seus semelhantes, formando, na realidade, um grupo. Dessa consciência integrada à humanidade como um todo flui uma energia especial, capaz de remover montanhas.

A terceira característica é a pureza, que implica estar mais alinhado com os próprios níveis superiores de consciência.

O trabalho de um ser a serviço nem sempre parece importante aos olhos dos outros. Geralmente ele tem o mesmo caráter de simplicidade que tem a tarefa de limpar estábulos, tida por todos como de somenos importância. Qualquer que seja a forma que esse trabalho assuma (lidar com excrementos, promover a higiene de um local), esse serviço não visa ao benefício próprio de quem o executa, mas ao benefício geral. Seja qual for a sua natureza, ou o grau de evolução de quem o realiza, o que conta são a vida e o amor empregados na tarefa. Importa executá-la e, em seguida, retirar-se de cena, pois os resultados não pertencem a quem serve.

Iniciado já nessas leis básicas que regem o cosmos, Hércules conseguiu limpar a sujeira milenar decorrente do senso da propriedade, sem fazer grandes esforços. Coube-lhe, sim, quebrar algumas barreiras, tais como ultrapassar as muralhas do ceticismo, do apego e da incompreensão, implícitos no símbolo do rei Áugias – e executar sua tarefa serenamente, obedecendo apenas à própria luz interior.

É eliminando obstáculos que permitimos que algo se construa, possibilitando o surgimento da obra criativa. A partir dessa experiência, Hércules passa por uma profunda reflexão. Agora ele está apto para serviços ainda maiores aos olhos de Deus.

CONDUZINDO
O GADO VERMELHO

Com este décimo segundo Trabalho, Hércules termina um grande ciclo de realizações, que marca sua liberação das formas terrestres e da maioria dos apegos que normalmente prendem os homens à roda das encarnações. Não mais interessado na própria libertação, ele está todo voltado para ajudar os demais a se tornarem livres de si mesmos. Este Trabalho marca, portanto, um final de ciclo muito importante.

O guerreiro é mandado para Eritreia, onde a grande ilusão mundial ainda domina e onde Gerião, monstro de três cabeças e três corpos, é senhor. Gerião mantém, ilegalmente, sob seu poder uma manada de gado vermelho-escuro. A tarefa proposta a Hércules é conduzir esse rebanho do seu lugar de origem até a Cidade Sagrada, que, em parte, ele já conhece de trabalhos anteriores.

O Instrutor interno faz ressoar dentro dele a recomendação de que tenha cuidado com o pastor Euritião e com o seu cão de duas cabeças. Segundo o Instrutor, para lidar com ambos é necessário invocar a ajuda de Hélius, que só é encontrado nos planos interiores da vida. Trata-se, aqui, portanto, de uma tarefa das mais sutis.

* * *

Dentro de si, Hércules se oferece a Hélius, tido na mitologia como o deus do fogo, que habita o interior do Sol. Um conhecimento interno lhe revela que, em certa etapa da evolução da consciência humana, foi necessária a ajuda de

determinada substância, vinda do centro do Sistema Solar, para que um núcleo de consciência superior fosse criado dentro do nosso ser. Com esse núcleo, feito de vibrações solares, nasceu a alma (o eu superior) nos homens e, assim, pôde haver uma síntese, ou seja, a integração da consciência cósmica com a consciência terrestre.

Apelar para esse ser solar que existe em nós é imprescindível, quando se trata de enfrentar tarefas que exigem qualidades especiais. Hércules volta-se para o centro da sua própria consciência e, desse modo, no interior de sua essência, contata essência ainda mais vasta. Após sete dias de recolhimento, uma dádiva lhe é concedida: um cálice de ouro cai diante de seus pés. Esse objeto brilhante, nunca visto, vai capacitá-lo a atravessar mares e desertos. Sob a proteção segura do cálice de ouro e com as recomendações do seu Instrutor interno, o salvador Hércules navega até Eritreia e lá desembarca.

Depois de caminhar durante algum tempo, chega a uma pastagem onde um gado de cor vermelha se alimenta, sob a guarda de Euritião e o seu cão de duas cabeças. Este, ao ver Hércules aproximar-se, investe contra ele, mas acaba sendo morto com um golpe certeiro do herói. Amedrontado, o pastor Euritião percebe o poder daquele ser e implora-lhe que lhe poupe a vida. O herói acata-lhe o pedido e começa a conduzir o gado cor de sangue em direção à Cidade Sagrada.

Esta tarefa de transportar o rebanho exige muita paciência e uma vontade férrea. Assim, o guerreiro iluminado pela alma volta definitivamente sua face para a meta empreendida e não tira sua atenção de lá. Entretanto, inesperadamente, o monstro de três cabeças e três corpos, chamado Gerião, alcança Hércules no caminho e ataca-o. Este, numa reação instantânea, com uma só flechada, perfura-lhe os três corpos.

Novas dificuldades aguardam Hércules durante o trajeto: um feroz lutador ameaça-o e um gigante atira-lhe uma pedra de várias toneladas. Mas de tudo isso ele escapa. Tem a proteção do cálice de ouro, dádiva do Sol, e nada é impossível para essa essência extraterrestre.

Por várias ocasiões o herói tem de abandonar o rebanho para ir buscar alguma rês desgarrada; no decorrer do caminho, em sua última tarefa, Hércules às vezes perde a direção (dado que ainda não é um ser perfeito), mas sempre a retoma com a ajuda interna do seu Instrutor. Assim, segue por altas montanhas e caminhos estreitos e perigosos.

Embora o gado se distraia, constantemente atraído por acontecimentos externos, o equilíbrio é mantido e o rebanho todo conduzido para o esperado destino.

Eis a reta final dos Trabalhos. As luzes da Cidade Sagrada estão ficando cada vez mais próximas, e lá o gado vermelho deverá entrar, para finalmente transformar-se. O poder transformativo é típico desse local extraordinário.

"Seja bem-vindo! Agora você sabe que é imortal", diz-lhe o Instrutor, à porta da Cidade. No decorrer dos doze Trabalhos, Hércules conquistara seu próprio lado humano e assumira sua essência divina. Agora, tudo isso convive dentro dele, aguardando uma unificação ainda mais perfeita em um ciclo futuro. Na Cidade Sagrada, que é sua próxima morada, ele poderá ficar por algum tempo, até que chegue a hora de partir para esferas de existência mais amplas.

O Instrutor continua transmitindo-lhe ideias. Diz-lhe que seu nome está escrito no firmamento, que sempre estivera lá, ao lado das estrelas mais gigantescas, mas era preciso que ele o identificasse. A Via Láctea, que agora Hércules vê constantemente diante de si, é símbolo do destino imortal de todos os seres humanos que decidam caminhar como ele.

* * *

Os tipos de provas e de experiências podem ser diferentes para cada um de nós, mas o caminho é o mesmo para todos. Numa primeira etapa, admiramos o belo firmamento externo das noites estreladas; depois, passamos a devotar-nos ao firmamento interior dos valores essenciais – mas há horizontes ainda mais amplos a nossa espera: terminadas as tarefas humanas, deparamo-nos com as cósmicas.

Dos símbolos apresentados neste mito, Gerião, monstro que Hércules mata, representa a humanidade não iluminada. Os três corpos do monstro simbolizam a consciência física, emocional e mental humanas, unidas contra as energias evolutivas. Através do orifício feito com a flecha em cada um desses corpos, penetra no seio da humanidade uma nova corrente de vida. Ao ser "morta", poderá revelar o que realmente é: manifestação da vida divina.

O pastor Euritião representa a mente humana, e o cão de duas cabeças, sua natureza dual. A mente (que depois se torna uma colaboradora) à princípio é o cão de duas cabeças e depois é Euritião, o pastor. Todas essas figuras simbólicas nos dizem a mesma coisa, em diferentes graus. A ilusão mental apresenta-se sob diversas formas, porque, assim, de alguma maneira consegue prender o homem que ainda está na escuridão. À medida, porém, que a personalidade se vai elevando, a luz ilumina-lhe o caminho, e ele finalmente vê.

Cada mente individual transformada representa uma conquista para a substância mental do mundo inteiro, onde, como num livro, se acha escrito o destino da Terra e da humanidade. E esse livro é conhecido dos Seres libertos. Estes sabem que todo homem é livre em sua essência, embora permaneça por longos períodos acorrentado, ou limitado por

cercas, fronteiras, propriedades privadas, desejos e tantas ilusões passageiras. Quem consegue libertar-se dessas amarras, quem transforma a própria mente, torna-se um Salvador. Este é o caso de Hércules.

* * *

Lembrando-nos da morte da rainha guerreira e dos centauros, em Trabalhos anteriores, caberia aqui uma indagação: como pôde Hércules matar, neste estágio evolutivo em que se encontra? Não havia ele decidido jamais fazer isso? Na verdade, a noção de matar pertence ao mundo da mente comum; quando transcende o nível onde tempo e espaço são tidos como finitos, o homem ingressa em um estado de consciência no qual nem a morte nem o nascimento existem, assim como nós os concebemos; nesse estado, o tempo é uma eternidade e o espaço, multidimensional. Nesses níveis superiores ninguém morre. Aquele que acaba de desencarnar na Terra é tido aí como um recém-nascido – pois está chegando aos níveis sutis após um estágio nos planos mais densos da vida, que são o físico, o emocional e o mental. Portanto, em termos do ponto evolutivo já alcançado pela consciência de Hércules, não existe matar, mas eventualmente servir de instrumento para que uma vida que estava prisioneira da matéria se liberte e tenha a oportunidade de vivenciar outros planos de existência.

Deduz-se daí que, em certo momento de nossa vida, desencarnar é uma necessidade[1]. Se um ser não desencarnasse, seus níveis superiores não poderiam sentir-se completamente livres de determinadas ligações, para dar passos

[1] Vide A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA, do mesmo autor, Editora Pensamento.

importantes. Assim, um cão simbólico como esse também precisa desencarnar, a fim de que a vida que o habita possa preparar-se para uma nova etapa. Há sempre uma nova etapa; e para que esta aconteça é necessária a transformação da forma externa.

Evidentemente, os pontos de vista variam conforme os níveis de consciência nos quais nos encontramos. Assim é, também, com as ideias sobre a morte. Saber disso pode trazer um grande alívio, bem como preparar-nos para a serenidade, tão necessária para que o alinhamento com a alma possa efetivar-se.

* * *

Considerando, agora, o mito de Hércules em seu todo, vemos que, na verdade, ele integra a primeira das três grandes etapas na caminhada evolutiva do homem na Terra, ou seja, a da experiência do ser que se entrega ao serviço altruísta e que, por meio desse serviço, contata um nível de compreensão superior da vida. Depois dessa, vem a etapa simbolizada pela história de Buda, conhecida como a da iluminação permanente, ou compreensão ininterrupta. Todos chegamos a ela, porém após termos concluído um ciclo, como Hércules.

Mas existe, também, uma terceira etapa – marcada pela presença da energia cósmica do amor-sabedoria – chamada por muitos de etapa de Cristo: é aquela em que todos os homens vivem a universalidade incondicional.

São intermináveis, portanto, os nossos caminhos: caminhos de Hércules, caminhos de Buda, caminhos de Cristo... e infinitos outros, que ainda desconhecemos. Porém, cabe-nos, nesta época moderna, reconhecer como pura energia

cada uma dessas fases, e não mais nos fixarmos nas personificações históricas, ou nomes, que são meras projeções do nosso lado humano sobre as energias cósmicas que regem essas etapas.

A propósito de antigas denominações ou personificações, mais ou menos sutis, muitas lutas aconteceram sobre a Terra, e acontecem ainda. O convite que nos está sendo feito agora é para deixar permanecer inominado o que realmente não tem nome. Assim, as etapas evolutivas encontrarão uma síntese dentro de nós, sem que haja divisões filosóficas, religiosas, ideológicas ou sociais. Tomaremos consciência de que essas etapas são, na verdade, expansões de uma Única Grande Vida.

Aceitaremos esse desafio ainda na presente etapa da Terra?

PAZ

Quadro sinótico dos Trabalhos

Signo	Áries	Touro	Gêmeos	Câncer	Leão	Virgem	Balança	Escorpião	Sagitário	Capricórnio	Aquário	Peixes
Título do Trabalho	As éguas que devoram homens	O touro da ilha sagrada	Colhendo as maçãs de ouro	A captura da corça	A morte do leão de Nemeia	Apoderando-se do cinto da união	A captura do javali	Erguendo a hidra de Lerna	Os pássaros devastadores	Cérbero morre	Limpando estábulos	Conduzindo o gado vermelho
Tipo de energia	A parte humana do ser é equiparada com a mente	A parte humana do ser é equiparada com o desejo	A alma e os corpos tentam relacionar-se harmoniosamente	O homem reconhece o reino espiritual	O homem percebe-se como indivíduo	O homem conscientiza-se de que, latente em seu ser, está o espírito infinito	O homem começa a adquirir equilíbrio entre os pares de opostos no plano físico	Clareia-se a grande ilusão	Surge a unidade, a única meta	Abre-se a passagem para os mundos espirituais	Inicia-se o serviço desinteressado e a consciência de grupo	O serviço mundial cada vez mais amplo
Tarefa	Adequar a própria mente às reais necessidades e controlar o egoísmo, a crítica e a tagarelice	Dominar e conduzir o desejo instintivo para metas cada vez mais elevadas	Compreender os dois aspectos que existem dentro de si e deixar o imortal revelar-se e ampliar-se	Emergir da consciência de massa e transcender o plano psíquico	Tornar-se um ser potente porém sem se julgar maior do que realmente é	Alinhar-se com os níveis superiores, alimentando ideias e potenciais elevados	Lidando com forças opostas, encontrar o equilíbrio entre elas	Disciplinar os efeitos da forma sobre o próprio ser e triunfar sobre as influências externas	Completar a unificação da personalidade	Identificar-se com os níveis superiores e usar os próprios dons em auxílio da humanidade	Trabalhar para o planeta, em completo esquecimento de si	Transformar-se em um salvador, preparando-se para retornar à consciência cósmica
Desenvolvimento	Aprender a pensar	Aprender a sentir	Aprender a perceber	Intuir	Personalidade purificada	Energia interna de amor	Capacidade de compreender o incongruente	Domínio sobre a própria natureza inferior	Consciência da presença da alma	Serviço	Vida e amor acima da forma e da mente	Capacidade de estimular multidões ao alinhamento superior
Chave para o Trabalho	Controlar o pensamento	Controlar as emoções	Coordenar os corpos entre si	Reconhecer a própria realidade	Amar desinteressadamente	Superar o antagonismo com o sexo oposto e estar acima das dualidades	Não usar a força bruta	Entrega de si ao eu espiritual interno	Ir direto à meta	Não focalizar a consciência nos corpos densos, mas nos níveis internos	Doar a energia de vida aos que dela necessitam	"Perder" a própria vida para entrar em vida mais ampla
Fases	Fases preparatórias				Fases de lutas, crises e esforços				Fases de desenvolvimento e realização			

ÍNDICE ANALÍTICO

Ação(ões) 37, 58, 70
  anterior 87
  atuais e retrógradas 95
  correta 43, 122
  instintivas e subconscientes 95
  irrefletida 29
  oposta 97
  passadas 57, 106
Alimentação / comida 104, 105
Alinhamento 73, 74, 103, 139, 143, 152
Alma / núcleo anímico
  corpo da 12, 68
  encarnadas, desencarnadas 16, 17, 45, 46, 130
  estágios evolutivos (nível) 14, 21, 22
  etapas de experiências 12-17, 21, 22
  evoluídas 14, 46
  grupo de 14, 45
  nascimento da 148
  plano causal 11, 12
  ser solar 148
Antagonismo (ver também polaridades) 87-90, 92, 96
Aperfeiçoamento 90, 93
  auto 92
Apoderando-se do Cinto da União (ver sexto Trabalho de Hércules)
"Aqui-e-agora" 114
Arcanos Menores do Tarô, Os 90
Aspiração(ões) 114, 134
  ao silêncio interior 32
  contínua 133
  correta 94
  do eu superior 88
  superiores 46
Aspirante(s) 42, 44, 73
  espirituais 79, 104
Astrologia 13-16
  astrólogos 15
  horóscopo 14, 15
  signos astrológicos 14
Autoesquecimento 58

Bailey, Alice A. (citações) 22, 142
Brunton, Paul 42
Buda (etapa de) 152, 153
Busca 56, 68
  da união pelo sexo 97
  do equilíbrio 101
  espiritual 59
  externa 57

Captura da corça, A (ver quarto Trabalho de Hércules)
Captura do javali, A (ver sétimo Trabalho de Hércules)
Carma 57, 97, 123
  equilíbrio cármico 96
  ligações cármicas 17
Celibato / celibatário 43
Cérbero Morre (ver décimo Trabalho de Hércules)
Cocriador 125, 139
Colhendo as Maçãs de Ouro (ver terceiro Trabalho de Hércules)
Conduzindo o Gado Vermelho

(ver décimo segundo Trabalho de Hércules)
Consciência 12, 15, 41, 45, 80, 134, 142, 143, 148, 153
ampliação da/na 105, 125
centro da 44, 115, 120, 143
de massa 13, 67
estados de 30, 151
física/emocional/mental 12, 150
níveis de 11, 13, 17, 44, 46, 58, 87, 88, 101
níveis superiores de 46, 68, 69 80, 107, 133, 143, 151, 152
núcleo de 11, 148
solar 106
supraconsciência 133
Contemplação / contemplar 89
Controle 125
auto 90, 123, 125
dos vícios 74
falta de 105
Corpo(s) 11, 12, 32, 69, 74, 78, 89, 104
Crença (estágio da) 56
Crise 22, 33, 59, 94
Cristo (etapa de) 152, 153

Décimo primeiro Trabalho de Hércules 137-144
introdução 139
narrativa mítica 139-142
reflexão 142-144
símbolos principais
Áugias 139-144
excrementos acumulados 140
farol 139
mau cheiro 139
rei/governante 140-142
reino 140, 141
Décimo segundo Trabalho de Hércules 145-153
introdução 147
narrativa mítica 147-150
reflexão 150-152
símbolos principais
cálice de ouro 148, 149
cão de duas cabeças 147, 148, 50, 152
Cidade Sagrada 147-149
Eritreia 147, 148
Euritião 147, 148, 150
gado vermelho 147-149
Gerião 147, 148, 150
Helius 147
monstro de três cabeças 150
Via Láctea 149, 150
Décimo Trabalho de Hércules 127-135
introdução 129
narrativa mítica 130-132
reflexão 132-135
símbolos principais
cão de três cabeças 131, 132
Cérbero 131-133
Hades 130, 131
Medusa 130, 131, 133
pântano 129, 133
Prometeu 129, 131, 135
rio escuro e envenenado 130
serpentes emaranhadas de Cérbero 132
serpentes de Medusa 131
Desejo(s) 40, 41, 43, 44, 46, 87, 97, 103-105, 132, 134, 151
Desencarnação 151, 152
Desenvolvimento 31, 40, 69, 86, 95, 103, 139
planetário 97
próprio 94
Deus 144
do templo 63, 65-67
filhos de 65, 68, 74
Discernimento 114
Dualismo 95

Éguas Devoradoras de Homens, As (ver primeiro Trabalho de Hércules)
Eletricidade 88
cósmica 88, 95
Encarnação(ões) 11-14, 16, 17, 27, 29-31, 45, 46, 104, 147
Energia dos Raios em Nossas Vidas, A 134
Energia(s) 14, 18, 30, 33, 67, 69, 103, 122, 125, 132
cósmicas 11, 152, 153
criativas 40, 45, 46, 83, 84, 97

da alma 32, 33
da fé 134
do serviço altruísta 58
especial 23, 143
não sexual 43
superiores 23, 73, 88, 115
Energia sexual (ver sexo)
Entrega 97, 103, 115
ao serviço altruísta 152
total 114
Equilíbrio 45, 73, 90, 95-97, 101, 103, 105, 123
Erguendo a Hidra de Lerna (ver oitavo Trabalho de Hércules)
Espaço 151
Espírito Único 107, 125
Essência 88, 96, 134, 148, 151
da vida cósmica 114
divina 149
extraterrestre 149
Eu / Ego 57, 142
consciente 67, 68, 73, 88
interno / superior 88, 103
pessoal 33, 59
Evolução 22, 30, 56-58, 74, 104
da alma 12-14
do homem 42, 74
estágios e etapas 21, 22, 33, 42, 43, 68, 79, 148, 153
graus evolutivos 80
Plano Evolutivo 15, 37, 73, 79, 84, 89, 97, 135
processo evolutivo 16, 84, 106, 115
superior 83
Experiência(s) 16, 40, 58, 73, 106, 144, 150, 152
decepcionantes 96
desconhecida 79
últimas 45

Fala / falar 121-124
Fé 115, 134
Força(s) 24, 74, 79, 103, 104, 121-123
cegas ou involutivas 80, 105
retrógradas 142
Fracasso 37, 40, 41, 86
Galáxia 95
Gestação da realidade interna 89
Glândula pituitária 78
Grupo 14, 45, 143

Hércules (herói legendário) 22, 33, 151
desenvolvimento de 101
etapa de 152, 153
graus evolutivos de 80
mito de 152
simbolismo 16
Trabalhos de 16, 22, 23, 79, 149
vida da alma de 27, 69, 79
Hierarquia 37, 39, 79, 80, 83, 84
Homem
comum 42, 74
primitivo 83
solitário 41
Humanidade 16, 45, 46, 83, 104, 107, 112, 134, 135, 143, 150, 151
etapas evolutivas 68
útil à 73, 75
Humildade 114

Ilusão(ões) 40, 41, 44, 52, 67, 132, 139, 147, 150, 151
do plano físico 57
graus elevados de 27
nível ilusório 132
Imortalidade 133
Inofensividade 122
Instrutor 23
falso 57
Intenção(ões) 94, 105, 132, 139
Intuição 15, 67, 68, 142
sinal intuitivo 23

Labours of Hercules, The 142
Lei(s)
básicas 143
de causa e efeito 97
do amor 93
imutáveis 21
Libertação / liberação
das formas 147
do impostor 57
dos signos astrológicos 14

Limpando Estábulos (ver décimo primeiro Trabalho de Hércules)
Louvor espontâneo (estado de) 59
Luz 39, 53, 67, 114, 119, 120, 132, 139, 142, 150
  dos níveis superiores 73
  interior 144

Maternidade 89
Mebes, G. O. 90, 91
Medo 132-134
Mente 17, 30-33, 40, 43, 44, 47, 70, 88, 89, 114, 121, 125, 134, 150, 151
  além da 119, 120, 133
  analítico-racional 16, 133
  métodos da 115
  superior 32, 133
Meta(s) 33, 64, 95, 102, 125, 130, 148
  da alma 44
  espiritual 125
  evolutiva 30
  única 43
Mito(s) 66, 79, 114, 152
Morte do Leão de Nemeia, A (ver quinto Trabalho de Hércules)
Mundo(s) 17, 58, 132, 150
  concreto 69, 121
  da ilusão 40
  das forças involutivas 80
  das formas 30, 130
  espiritual 68
  interior 115
  salvadores do 33
  supra-humanos 43
  sutis 12, 16, 30
  útil ao 73

Nascimento verdadeiro 89
Natureza
  animal 41, 44
  dual da mente 150
  psíquica 132
  superior 41
Nível(eis)
  de clareza 95
  de existência 133
  do espírito 88
  superiores 73, 133, 151, 152
Nono Trabalho de Hércules 117-125
  narrativa mítica 119, 120
  reflexão 120-125
  símbolos principais
    címbalos de bronze 120-122
    pântano 119-121
    pássaros 119-122
Notebooks of Paul Brunton, The (vol. 4) 42

Obstáculo 44, 59, 70, 144
Oitavo Trabalho de Hércules 109-116
  introdução 111, 112
  narrativa mítica 112-114
  reflexão 114-116
  símbolos principais
    areias movediças 111, 112
    ar puro 113-115
    grande pedra 113
    hidra de nove cabeças 111-115, 134
    luz do dia 113, 115
    pântano de Lerna 111, 112, 114

Palavras 121-125
Par complementar 46, 47
Pássaros Devastadores, Os (ver nono Trabalho de Hércules)
Pensamento(s) 70, 103
  concentrado de 121
  intervalo entre 115
  superior 32
Percepção 14, 23, 68
  superior 70
Personalidade / Ego 14, 17, 30, 44, 89, 96, 150
  coordenação da 58, 59, 74, 78, 79
  humana(o) 37, 45, 57, 80, 142
Planeta (ver também Terra) 45-47, 84, 97, 106, 121, 133
  esquemas planetários 12, 15, 45
  reservatório de átomos 69
Polaridade 88-90, 92, 94-97
  do ser 46
Ponte 133, 134
Portal(ais) 21, 23, 24
Primeiro Trabalho de Hércules 25-33, 40, 120

introdução 27
narrativa mítica 27-29
reflexão 29-33
símbolos principais
amigo 28-30, 33, 40
éguas selvagens 24, 27-33, 37, 40, 120
Hércules 30
local de paz 29, 31-33
pântano / terras pantanosas 24, 27, 29-31
Propriedade (ver também décimo primeiro Trabalho de Hércules) 67, 68, 139, 142, 143, 151
Provas 12, 14, 16, 18, 41, 47, 52, 53, 101, 105, 150
da vida cotidiana 92
específicas 88
sucessivas 44
Purificação 68, 73, 74, 103, 106

Quadro sinótico dos Trabalhos de Hércules 154
Quarto Trabalho de Hércules 61-70
introdução 63
narrativa mítica 63-66
reflexão 66-70
símbolos principais
Artemísia 64, 65, 67-70
coração 64, 65, 67, 69, 70, 75
corça 63-65, 70, 75
Diana 64, 66-68, 70
templo 63-66, 75
Deus do 63, 65-68
dos filhos de Deus 65, 68
Quinto Trabalho de Hércules 71-80
introdução 73, 74
narrativa mítica 74-77
reflexão 78-80
símbolos principais
caverna 76, 77, 79
duas entradas ou aberturas 77, 78
leão de Nemeia 74-80, 84, 129
pele do leão 77, 79

Realidade 11, 45, 115, 123
dos níveis superiores 133
interna 89, 95
mais profunda 96
nova 107
Recém-nascido 151
Reflexão 17, 18, 23, 30, 123
Respiração (reeducação) 43, 44

Salvador 33, 151
Segundo Trabalho de Hércules 35-47
introdução 37, 39-41
narrativa mítica 37-39
reflexão 39-42
símbolos principais
continente 38, 40, 41, 43, 47
Hércules 41
ilha 38-41, 47
oceano / mar 38, 40
rei da ilha 38, 39
seres de um só olho 38, 39, 41, 47
touro 38-40, 43, 44, 47, 84, 105
controlar o 41
estrela na testa 38, 39
montar o 38, 40, 41, 43
Separatividade 24, 32, 43, 88, 111
Ser(es) 30, 69
a serviço do mundo 142, 143
em evolução 21
encarnados 45
Grandes 37, 39, 74, 75, 84, 101, 103, 106
humanos 22, 133, 150
libertos 151
mais evoluídos 83, 84, 89
reconhecimento do próprio 89
reencarnantes 22
supraconscientes 37
terrestres 83, 106, 107
Serviço
altruísta 58, 152
ampliação do 132
ao / do mundo 14, 143
desinteressado 142
planetário 37, 58
Sétimo Trabalho de Hércules 99-107
introdução 101
narrativa mítica 101-103
reflexão 103-107
símbolos principais
alto da montanha 101, 104

centauro 102-104, 151
festa fora de hora 102, 104
Continuação de Primeiro Trabalho de *Hércules (símbolos principais)*
javali 101-106, 119
patas traseiras 103, 104
vinho 102, 104
Sexo (energia sexual) 41, 42, 46, 84
controle do 47
funções do 44
no plano físico 96, 97, 105
papel do 87
quadro das etapas 42
reprodução sexuada 44, 45, 83
Sexto Trabalho de Hércules 81-97
introdução 83, 84
narrativa mítica 84-87
reflexão 89-97
símbolos principais
cinto 85-87, 94
guerreiras 84, 85, 87, 94-96, 102, 151
monstro marinho 86, 97
rainha / governante 84, 85, 87, 94, 96, 97, 151
reino 84, 85
Silêncio interior 32, 69, 115
Síntese 17, 148, 153
Era de Aquário, energia de 17
Som 120-123
Subconsciente
do homem 114, 115, 132, 133
da Terra 130

Tagarelice 31, 32, 121, 122
Tempo 151
Terceiro Trabalho de Hércules 49-59
introdução 51, 52
narrativa mítica 52-56
reflexão 56-59
símbolos principais
abutres 54, 129
árvore das maçãs de ouro 51-55, 57, 58, 135
Atlas 55, 58
dragão 51, 55
Prometeu 54, 57, 58, 129, 131, 135
serpente 52, 53
três virgens 51
Terra
consagração da 97
evolução da 45
função da 97
seres da 84
Todo 37, 69
Totalidade 96
Touro da Ilha Sagrada, O (ver segundo Trabalho de Hércules)
Transformação(ões) 23, 105, 123
da forma externa 152
definitiva 73
ideia de 32
radical 79
Treatise on the Seven Rays, A 22

União
com o sexo oposto 92, 96, 97
das polaridades 94, 97
processo de 88
trabalho de 90
Única Grande Vida 153
Unidade 33, 40, 67, 68
Unificação 94, 149
Universalidade 89, 134, 153
Universo 46, 47, 87, 106

Verdade 23, 56, 57
Via Láctea 149
Vibração(ões) 44, 68, 87, 91, 122
da Hierarquia 83
do corpo 104
padrões vibratórios 107
própria 68
Vida 17, 63, 70, 80, 104, 114, 121, 123, 125, 133, 151, 152
Vontade 11, 15, 22, 41, 43, 95, 113
Voz(es) 63-65
da sabedoria 67
diferente 66
interna 29

Yin-Yang / Anima-Animus 90

Hércules, como mito, é patrimônio universal.

As histórias de seus Trabalhos foram contadas de diversas maneiras, em todos os tempos, sob diferentes ângulos.

Apresentado por Trigueirinho, este tema sugere um novo alinhamento do eu consciente com o núcleo anímico. O leitor é convidado a refletir sobre o herói e sua alma e sobre os portais dos Trabalhos. Estes iniciam-se com a captura das éguas devoradoras de homens e prosseguem com o touro da ilha sagrada, as maçãs de ouro, a captura da corça, a morte do leão de Nemeia, o cinto da união, a captura do javali, a hidra de Lerna, os pássaros devastadores, a morte de Cérbero, a limpeza dos estábulos e a condução do gado vermelho.

A partir de observações baseadas, por um lado, em relatos estritamente mitológicos e, por outro, em fatos da vida moderna, Trigueirinho constrói uma narrativa esplêndida e vivaz que ajuda a entrever soluções para os mais pungentes assuntos que inquietam os homens do nosso tempo.

Associação Irdin Editora
www.irdin.org.br

ISBN 978-85-5441-040-7